

Bakunin era racista? Resposta a Zoe Baker

Traduzido de: “Was Bakunin a racist? Answer to Zoe Baker”
<https://monde-nouveau.net/spip.php?article922>

René Berthier
Abril a junho de 2023

*“O homem, de qualquer raça ou cor que seja,
é verdadeiramente nativo do universo.”*
P.-J Proudhon, *Ideia Geral da Revolução*

Gostaria de comentar um vídeo de Zoe Baker intitulado “Bakunin was a racist” (Bakunin era racista)¹ e o texto correspondente que pode ser encontrado na Internet². O vídeo é muito interessante e obviamente honesto em sua abordagem e mostra uma compreensão muito boa do pensamento do revolucionário russo, mas também é frustrante porque, embora afirme fatos que não são contestados, esses fatos não são explicados.

Acima de tudo, gostaria de dizer algumas palavras sobre a noção de “raça” em Bakunin. De acordo com ele, os alemães desempenharam um papel decisivo na constituição da Europa

1 <https://www.youtube.com/watch?v=OMOmzWneHUK>

2 <https://theanarchistlibrary.org/library/zoe-baker-bakunin-was-a-racist>

feudal: a unidade do “mundo ocidental da Europa” deve ser atribuída muito mais à “unidade natural da raça germânica” do que à Igreja Católica (uma tese defendida por Mazzini). A tese de Bakunin é interessante na medida em que fornece uma oportunidade para entender o significado que ele atribui ao termo “raça”: é a “identidade do temperamento natural, costumes, maneiras, sentimentos, ideias e organização primitiva” trazidos pelos povos germânicos para os vários países da Europa.³ Esta definição poderia naturalmente se aplicar à “raça” judaica. Fica claro que o termo “raça” não inclui *nenhuma característica étnica*, mas apenas *determinações culturais*.

Baker escreve na introdução de “Bakunin era racista”:

“A maioria das milhares de páginas que Bakunin escreveu não contém antissemitismo. Nas poucas ocasiões em que ele é antissemita, isso é abominável e deveria ser rejeitado por todos. Neste ensaio, explicarei como ele era antissemita e por que isso era errado.”

É óbvio que o antissemitismo é, em qualquer caso, “abominável” e deve ser “rejeitado” e, na minha opinião, não há razão para explicar “por que” ele é errado. Eu qualificaria como antissemita um autor cuja obra e pensamento são baseados em, ou pelo menos constantemente impregnado de, antissemitismo. No entanto, ao nos dizer que Bakunin escreveu milhares de páginas que não contêm antissemitismo e que há apenas “algumas ocasiões em que ele é antissemita”, ou que “as passagens racistas [...] ocupam uma pequena fração das milhares de páginas que Bakunin escreveu”, Baker desperta nossa curiosidade e esperamos encontrar uma explicação para

3 Bakounine, “La Théologie politique de Mazzini”, Œuvres, Champ libre, Fragment G, édition L'Âge d'homme, I, 133.

essa aparente contradição, ou pelo menos esse contraste, em um homem cuja atividade e obra foram apaixonadamente dedicados à luta pela emancipação humana. Infelizmente, essa expectativa não é cumprida.

Uma parte interessante do argumento de Baker reside nas cinco formas de antissemitismo encontradas em Bakunin:

- Em primeiro lugar, em várias ocasiões, Bakunin desnecessariamente apontou que alguém de quem ele não gostava era judeu.
- A crença de que o povo judeu estava unido como uma entidade singular.
- A crença em uma conspiração judaica internacional que desempenhou um papel fundamental na gestão do mundo por meio do controle do comércio, dos bancos e da mídia.
- Uma conspiração especificamente judaica contra ele.
- Estereótipos de judeus como banqueiros ricos.

Deixemos de lado por um momento a ideia de uma conspiração judaica contra ele: todos os outros pontos que Baker destaca são os preconceitos mais comuns e absurdos do antissemitismo “comum”, pode-se dizer. Em outras palavras, Bakunin não inova nessa área. Onde ele inova, no entanto, é na “solução” que propõe para a “questão judaica” – uma “solução” completamente sem precedentes, como veremos, que parece ter escapado à vigilância de Zoe Baker.

Parece-me, no entanto, que antes de prosseguir, é necessário fazer um esclarecimento: não se pode reflectir sobre o antissemitismo de um autor do século XIX com os critérios de avaliação que foram impostos após os horrores do extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial.⁴

4 Para ser preciso, não havia questão de antissemitismo na época de Bakunin porque a palavra foi criada pelo jornalista alemão Wilhelm

O ponto de vista de Zoe Baker é frustrante

Para começar, acho incorreto dizer diretamente que “Bakunin era racista”. Dizer que um autor é “racista” é dizer que seu pensamento, sua obra, é baseada no racismo. Além disso, Baker admite que alusões racistas são raras em seus escritos. Em segundo lugar, embora seja verdade que há declarações antissemitas em alguns dos escritos de Bakunin, até onde sei não há declarações direcionadas a outras comunidades religiosas ou étnicas ou o que quer que seja, o que não é o caso de Marx, que tem como alvo não apenas os eslavos, mas também os judeus e qualquer outra pessoa que não seja estritamente germânica⁵. Então a questão aqui é

Marr em 1879, três anos após a morte do revolucionário russo. Mas é óbvio que o fato existia muito antes da invenção da palavra. Historicamente, os pogroms – tumultos locais dirigidos contra os judeus, muitas vezes incentivados pelas autoridades – estão entre as manifestações mais comuns do antissemitismo.

- 5 Com relação aos judeus, Marx escreveu a Engels, em 30 de julho de 1862, que “o negro judeu, Lassalle”, estava felizmente deixando Londres no final da semana, acrescentando: “Agora está absolutamente claro para mim que, como mostra o formato de sua cabeça e a textura de seu cabelo, ele descende dos negros que se juntaram à fuga de Moisés do Egito (a menos que sua mãe ou avó paterna tenha se hibridizado com um negro). Agora, essa combinação de germanidade e judaísmo com uma substância essencialmente negra cria necessariamente um produto estranho. A agressividade do indivíduo também é semelhante à do negro”. (Marx Engels Collected Works, Lawrence & Wishart, vol. 41, p.390.)

Com relação aos africanos: Referindo-se a Pierre Trémaux (um autor abertamente racista), que ele cita com aprovação, Marx escreve a Engels que “na formação superficial predominante na Rússia, o eslavo foi tartarizado e mongolizado; da mesma forma (ele passou muito tempo na África), ele mostra que o tipo negro comum é apenas uma degeneração de um tipo muito superior”. (Carta de Karl Marx a F. Engels, datada de 7 de agosto de 1866) (Marx Engels Collected Works, Lawrence & Wishart, vol. 41, p.305)

estritamente a relação entre Bakunin e os judeus. Mas há mais: é a relação entre Bakunin e os judeus durante três ou quatro anos de sua vida, correspondendo ao período entre 1869 e 1873.

É precisamente aqui que o ponto de vista de Zoe Baker é frustrante: é óbvio que Baker é uma pessoa que tem um excelente conhecimento da obra de Bakunin, e é com alguma razão que o antissemitismo de Bakunin é apontado porque é uma coisa que deve ser conhecida. Mas dizer abertamente que um autor é antissemita, ou mais precisamente racista, como é sugerido no título do artigo de Baker, sugere que ele é estruturalmente antissemita ou racista, se assim posso dizer, que sua obra é baseada no antissemitismo. Outra coisa é dizer que ele foi antissemita por três anos, o que levanta a questão: Por que diabos três anos? Baker obviamente não responde à pergunta porque a pergunta não é feita. Se alguém não estiver ciente desse fato, a pessoa que se propõe a analisar o antissemitismo de Bakunin estará limitada ao simples nível dos fatos, da observação, e não conseguirá chegar ao fundo do problema.

O título do artigo de Baker nos diz que Bakunin era um “racista”, mas o texto em si trata exclusivamente do antissemitismo de Bakunin. Se considerarmos que o antissemitismo é racismo especificamente direcionado contra os judeus, enquanto o racismo tem um significado mais genérico, devo dizer que Baker está enganado porque se Bakunin realmente fez comentários antissemitas por um curto período, ele nunca, até onde sei, fez comentários racistas direcionados contra outras comunidades – o que não é o caso de Marx, para quem o eurocentrismo, ou mesmo o germanocentrismo, era um fato fundamental que excluía praticamente todos os outros do clube dos “civilizados”.

Claro que algumas pessoas podem ser tentadas a dizer: se Bakunin foi antissemita por três anos ou o tempo todo não muda o caso, ele era antissemita, ponto final. Essa atitude me lembra de um filme de TV americano que vi sobre uma família muito rica e perfeitamente caucasiana de Nova York que foi repentinamente excluída da alta sociedade porque foi descoberto que um dos ancestrais da família, que remonta à Guerra Civil, era afro-americano. Em outras palavras, alguém é irrevogavelmente negro. Da mesma forma, Bakunin seria irrevogavelmente racista.

* * * * *

Há uma maneira muito simples de encontrar os comentários antissemitas de Bakunin: pesquise o CD-Rom de suas obras publicadas pelo Instituto Internacional de História Social em Amsterdã, no qual toda a sua obra conhecida está disponível, publicado ou não. Tudo o que você precisa fazer é procurar pela palavra “Judeu” e suas variantes. É verdade que Bakunin escreveu principalmente em francês, e isso pode ser uma desvantagem para alguém que não conhece essa língua.

Ao fazer isso, notei algo que me intrigou muito: antes de 1869 não há comentários antissemitas em seus textos publicados, sua correspondência, seus textos não publicados. Eu acrescentaria que a palavra “judeu” quase nunca aparece. É somente a partir de 1869 que se começa a encontrar alusões antissemitas, ou seja, após o Congresso de Basileia da AIT, que é quando a influência de Bakunin na Internacional estava começando a ofuscar Marx: a corrente “marxista” foi derrotada pela corrente “bakuniniana”, uma situação que era absolutamente intolerável para Marx. Também notei que seus comentários antissemitas pararam após sua exclusão da Internacional (1872) e o período que imediatamente se seguiu. Portanto, somos fortemente tentados a deduzir que as

declarações antissemitas de Bakunin estão intimamente ligadas à natureza de sua relação conflituosa com Marx e sua exclusão burocrática da Internacional.

Zoe Baker comete um erro ao dizer que o antissemitismo de Bakunin é o resultado da impregnação da época e de ele ser russo. Se esse tivesse sido o caso, não teria sido necessário esperar até 1869 para detectar observações antissemitas em seus escritos. Na verdade, Bakunin foi criado em uma atmosfera de Iluminismo muito distante da ideologia antijudaica da Rússia na época. A própria criação de Bakunin não apoia a ideia de que ele foi influenciado pelo antissemitismo desenfreado da Rússia, pois seu ambiente familiar era culturalmente muito não russo. Seu pai viveu em Florença, na Itália, dos 8 aos 35 anos, frequentou círculos liberais e livres-pensadores e estava em contato com “todos os filósofos e cientistas famosos da Europa na época”. Era um meio, diz Bakunin, que estava “em completa contradição com tudo o que existia e respirava em seu tempo na Rússia, onde apenas uma pequena seita de maçons mais ou menos perseguidos mantinha e alimentava lentamente, em segredo, o fogo sagrado do respeito e do amor à humanidade”⁶. Era precisamente nesse ambiente que o jovem Bakunin vivia.

Marx-Bakunin: Uma espécie de casal infernal

Cerca de dez anos atrás, empreendi uma pesquisa sobre o antissemitismo de Bakunin, uma questão que ninguém parece ter se dado ao trabalho de estudar. Obviamente, não há ninguém no movimento libertário que aprove os excessos antissemitas de Bakunin, mas curiosamente os militantes se contentam em condená-los e seguir em frente. Há um consenso geral de que esses são abusos repreensíveis, mas que não diminuam o significado geral de seu pensamento, que

6 Bakunin, *Histoire de ma vie*, 1870. Cf. CDRom.

permanece totalmente orientado para a afirmação da solidariedade humana e da emancipação. No entanto, parece-me que teria sido necessário estudar mais profundamente as causas do seu antissemitismo. Não se nasce antissemita, torna-se antissemita; a questão interessante é precisamente: como e por quê?

Ao mergulhar no CD Rom do Instituto Internacional de História Social de Amsterdã, me vi na situação do sujeito que puxa um pedaço de lã saindo de um tricô, e finalmente o tricô inteiro vem. Essa história acabou com um volume forte que nunca tentei publicar, intitulado Panslavismo, Pangermanismo e a Questão Judaica: Bakunin e Marx. Neste estudo, associei Marx e Bakunin porque os dois homens constituem, aos meus olhos, uma espécie de casal infernal cujas posições se confrontam ou concordam, dependendo das circunstâncias, e que, em grande medida, se definem em relação um ao outro. É por isso que pensei que era necessário estudar o antissemitismo de Bakunin e Marx.

Além disso, no decorrer deste trabalho, descobri que Marx não se limitou ao antissemitismo virulento, mas estendeu seu racismo eurocêntrico à Ásia e à sociedade indiana, aos africanos arrancados de suas comunidades para se tornarem escravos pelo bem maior do progresso, aos “mexicanos preguiçosos” de quem os Estados Unidos estavam certos em tomar a Califórnia, aos montenegrinos “ladrões de gado”, e assim por diante.

Mas esse não é o ponto aqui.⁷ Em todo caso, o racismo em larga escala de Marx não desculpa o antissemitismo de curta duração de Bakunin.

Sobre esta questão, descobri que havia uma escolha entre três abordagens:

7 Cf. consulte o apêndice deste artigo: “Antologia do antissemitismo de Marx”.

◆ Nós nos atemos estritamente às declarações antissemitas de Bakunin, nós as condenamos, dizemos que isso não constitui o cerne do pensamento de Bakunin, o que parece ser o ponto de vista de Zoe Baker.

◆ Consideramos que isso desqualifica radicalmente o pensamento de Bakunin.

◆ Contextualizamos seu antissemitismo, o que nos leva a perceber que há uma relação que eu chamaria de “dialética” entre o antissemitismo de Bakunin e sua suposta germanofobia, por um lado, e o antissemitismo e a eslavofobia de Marx, por outro.

Contextualizar, devo salientar, não é para minimizar ou desculpar as observações de Bakunin, mas a questão é se alguém quer se limitar a notar seu antissemitismo ou a entendê-lo. A questão é: por que diabos um sujeito que não mostra nenhum sinal de antissemitismo de repente começa a ser antissemita aos 55 anos e para de sê-lo três anos depois?

A eslavofobia de Marx e Engels

É difícil entender hoje como as acusações de “eslavofilia” e “panslavismo” poderiam ter afetado Bakunin, assim como o racismo antirrusso e antieslavo do qual ele foi vítima racismo que é tão repreensível quanto o antissemitismo de Bakunin. Bakunin sempre lutou contra o panslavismo e deve ter sentido um profundo senso de injustiça com as acusações feitas por Marx e sua comitiva.

O anti-eslavismo de Marx remonta a muito tempo, e a questão das relações germano russas o opôs a Bakunin já em 1848, quando ele foi acusado de ser um “agente do czar” na Neue Rheinische Gazette de Marx. Então, havia uma velha disputa. Em outras palavras, o conflito entre os dois homens antecede suas diferenças sobre a International Working Men's Association.

A eslavofobia de Marx e Engels deve ser vista de duas maneiras diferentes. Primeiro, ela se manifestou em seus escritos durante a Revolução de 1848-1849, quando eles abordaram a questão “de frente” e se entregaram à linguagem extrema – especialmente Engels. Então veio o período de maturidade na década de 1870, quando a eslavofobia se tornou mais teorizada

♦ ***Eslavofobia inicial: 1849-1849***

Em 1848, Bakunin escreveu um Apelo aos Eslavos, que era tanto um apelo aos alemães, e cujo conteúdo foi amplamente determinado por sua análise da evolução atual da revolução na Alemanha. Um pouco mais tarde, ele escreveu, em sua “Confissão” (1850):

“Eu queria convencer os eslavos da necessidade de uma reaproximação com os democratas alemães, assim como com os democratas magiares. As circunstâncias mudaram desde maio: a revolução enfraqueceu, a reação estava se intensificando em todos os lugares, e somente as forças unidas de todas as democracias europeias poderiam esperar derrotar a aliança reacionária de governos.”

Dirigindo-se aos tchecos, Bakunin disse a eles que eles estavam certos em amaldiçoar “essa velha política alemã, o objeto de seu ódio legítimo”, mas que eles tinham que superar isso.

Esta passagem rendeu a Bakunin comentários mordazes de Engels em um artigo publicado na *Neue Rheinische Gazette* em 15 e 16 de fevereiro de 1849. Quais são os “crimes” cometidos pelos alemães contra os eslavos? Vamos pular, diz Engels, o papel dos alemães na divisão da Polônia, “que não está em questão aqui” (*sic*). Assim, a participação da Alemanha

no desmantelamento da Polônia não é apenas alegremente descartada do debate, é justificada pelo fato de que no norte da Europa, os alemães germanizaram vastas extensões de território eslavo “no interesse da civilização”. No sul, “a indústria alemã, o comércio alemão e a cultura alemã serviram por si só para introduzir a língua alemã no país”. E os eslavos austríacos querem seus “chamados direitos”? Mas “um estado independente da Boêmia-Morávia seria encravado entre a Silésia e a Áustria; a Áustria e a Estíria seriam cortadas pela 'república eslava do sul' de sua *débouché* [saída] natural – o Mar Adriático e o Mediterrâneo; e a parte oriental da Alemanha seria despedaçada como um pedaço de pão que foi roído por ratos!”; “E tudo isso como forma de agradecimento aos alemães por terem se dado ao trabalho de civilizar os teimosos tchecos e eslovenos, e introduzido entre eles o comércio, a indústria, um grau tolerável de agricultura e cultura!” Tudo isso por terem “impedido que esses doze milhões de eslavos se tornassem turcos!”⁸

Passando para uma visão geral mais geral, Engels faz um balanço das ações de nações civilizadas que demoliram as “pequenas, atrofiadas e impotentes nações”, que destruíram “muitas flores nacionais tenras” para criar grandes impérios capazes de participar do desenvolvimento histórico. Alexandre, César, Napoleão são chamados para o resgate: se tivessem sido “movido pelo mesmo tipo de apelo que o pan-eslavismo agora faz em nome de seus clientes arruinados, o que teria acontecido com a história!” Concluindo, Engels afirma: “acontece que esses 'crimes' dos alemães e magiares contra os ditos eslavos

8 Engels, *Panslavismo democrático*. Engels dá pouca atenção à luta incansável dos eslavos da Europa Central e do Sudeste – à qual devem ser acrescentados os magiares – contra a ameaça otomana. Em 1683, foi um exército eslavo, o exército polonês liderado por Sobieski, que rompeu o cerco turco a Viena, provavelmente salvando a cristandade ocidental no processo.

estão entre os melhores e mais louváveis feitos que nosso povo e o magiar podem se gabar em sua história.” Engels chega até a criticar os magiares porque “eles agiram de forma muito submissa e fraca contra os croatas presunçosos”...

A reivindicação dos croatas, dominados pelos magiares, era de fato exigir sua independência. Em 5 de junho de 1848, deputados croatas, preocupados com a virada que o governo húngaro estava tomando, proclamaram a independência croata. O governo húngaro se recusou a reconhecer essa independência, então os croatas declararam guerra à Hungria em 5 de junho de 1848. Os magiares, de acordo com os critérios adotados por Marx e Engels para a ocasião, gozavam do status de uma “nação histórica” porque haviam participado, junto com a nação alemã, da dominação dos eslavos.

Os eslovacos da Hungria também votaram uma moção em 10 de maio pedindo autonomia para as regiões em que viviam. Em 13 de maio, os sérvios tomaram uma medida semelhante. O endurecimento subsequente das atitudes húngaras fez muito para levar os eslavos do império aos braços da reação: mais tarde, quando os exércitos húngaros se encontraram em uma posição difícil contra as forças austríacas, eles tiveram que lidar ao mesmo tempo com revoltas na Transilvânia, Banat e Voivodina. Somente quando a situação se tornou desesperadora é que Kossuth, que comandava as forças húngaras, aprovou uma lei liberal em uma tentativa de reunir as nacionalidades não nativas, mas era tarde demais.

Curiosamente, durante a primeira fase da revolução, Engels havia desenvolvido um discurso notavelmente semelhante ao de Bakunin em seu Apelo aos Eslavos, quando ele fez um balanço da ação histórica dos alemães nos últimos setenta anos: envio de tropas contra a independência americana, guerra contra a revolução francesa, contra a liberdade da Holanda, intervenções contra a liberdade na Suíça, Grécia, Portugal,

desmembramento da Polônia, escravização da Lombardia, Veneza.⁹

Mas, de repente, Engels inverte sua posição: as “infâmias cometidas em outros países com a ajuda da Alemanha”, pelas quais o próprio povo alemão era “em grande parte responsável”, tornaram-se atos civilizadores. Os alemães, cuja cegueira Engels havia denunciado seis meses antes, sua “alma escrava”, sua “aptidão inata para fornecer lansquenets” e “capangas dos carrascos”, estão agora se tornando os instrumentos do progresso e da civilização. Em julho de 1848, fomos informados de que “os povos oprimidos por culpa da Alemanha há muito teriam alcançado um estado normal de civilização”; em fevereiro de 1849, ouvimos falar das “pequenas aspirações nacionais” dos eslavos.

Então o que aconteceu?

Não basta explicar essa reversão pelo simples ódio de Engels por Bakunin, nem por seu medo de ver as posições deste último ganharem importância. Mesmo que a linguagem usada no Apelo aos Eslavos possa ter irritado Engels – uma linguagem que ele e Marx vinham usando pouco antes: fraternidade, mão estendida, etc. – não é concebível que Engels tenha ficado tão chateado com a posição de Bakunin. No entanto, é impossível imaginar que a intenção de Bakunin lhe tenha escapado, a saber, a realização da unidade de ação entre os democratas alemães, húngaros e tchecos. Talvez seja precisamente aí que reside o problema. Engels entendeu perfeitamente bem que, se tal unidade fosse alcançada, levaria necessariamente à constituição de um estado eslavo na Europa central – aproximadamente equivalente à atual Tchecoslováquia – e todo o seu argumento em Panslavismo

9 *Neue Rheinische Zeitung*, 2 de julho de 1848, op. cit. pp. 204-206. Engels não diz nada além do que Bakunin também diz, com a diferença de que Bakunin não mudará sua opinião.

Democrático consiste em rejeitar categoricamente essa hipótese.

Pelo contrário, Engels insiste que os eslavos do sul não são capazes de fundar um estado, que suas reivindicações nacionais são injustificadas, que eles não merecem formar um estado, e que mantê-los dentro da órbita germânica é a melhor coisa que poderia acontecer a eles do ponto de vista da civilização. Os eslavos são os “principais instrumentos dos contrarrevolucionários”, eles fornecem as tropas que sufocam as revoluções, cujas brutalidades foram imputadas aos alemães – mas Engels é cuidadoso em não dizer que esses eram exércitos austríacos. É como se a esquerda francesa culpasse o massacre dos comunardos nos bretões que compunham a maior parte das tropas de Versalhes. Os eslavos, em suma, ficaram do lado da contrarrevolução, “e por essa traição covarde e vil da revolução, em algum momento tomaremos uma vingança sangrenta contra os eslavos”.¹⁰

Até agora, apenas os russos tinham sido objeto do ódio alemão,¹¹ mas

“...desde a revolução, o ódio aos tchecos e croatas foi adicionado, e (...) somente pelo uso mais determinado do terror contra esses povos eslavos podemos, juntamente com os poloneses e magiares, salvar a revolução (...) haverá uma luta, uma 'inexorável luta de vida ou morte' contra os eslavos que traem a revolução; uma luta aniquiladora¹² e

10 Engels, *Panslavismo democrático*

<https://marxists.architexturez.net/archive/marx/works/1849/02/15.htm>

11 “...o ódio aos russos foi e ainda é a principal paixão revolucionária entre os alemães.” Engels, Engels, *Panslavismo democrático*.

12 O termo alemão “Vernichtung” pode ser traduzido como “destruição”, “eliminação” ou “extermínio”. “Vernichtungskampf” poderia muito bem significar “guerra de extermínio”

terror implacável – não no interesse da Alemanha, mas no interesse da revolução!”¹³

Essa eslavofobia absolutamente delirante e paranoica, que apareceu em um jornal do qual Marx era editor-chefe, nunca recebeu a menor desaprovação de Marx. Claro, a “revolução” à qual Engels se refere em seus escritos não é a revolução proletária, mas a revolução burguesa que alcançará a unidade nacional alemã e confirmará a dominação alemã sobre os territórios eslavos.

Significativamente, o artigo de Engels, que cita grandes trechos do *Apelo aos Eslavos*, não faz referência à passagem em que Bakunin distingue entre reacionários e democratas alemães. Ele parece muito mais preocupado em enfatizar o que separa os alemães dos eslavos do que o que pode uni-los, embora Bakunin proclame: “É um dever sagrado para todos nós, soldados da Revolução, democratas de todos os países, unir nossas forças, conviver e nos agrupar.”

A difusão do *Manifesto Comunista* na Alemanha em 1848 foi verificada pelos próprios Marx e Engels, que temiam que o livro descomprometesse os radicais burgueses que os autores esperavam que subsidiassem a *Neue Rheinische Gazette*, uma publicação liberal burguesa. Marx apelou a Engels para pressionar a vender ações para a NRG, e Engels respondeu que “ele estava tendo pouco sucesso em levantar dinheiro e que não teria nenhum se uma cópia do programa de dezessete pontos chegasse a Eberfeld ou Barmen”, escreve William Otto Henderson¹⁴.

As palavras exatas de Engels foram: “Se ao menos uma única cópia de nossos 17 pontos circulasse aqui, tudo estaria

13 Friedrich Engels, *Neue Rheinische Zeitung* No. 223, February 16, 1849, Op. cit p. 378.

14 William Otto Henderson, *The Life of Friedrich Engels*, vol 1, p. 142. Cf. também em francês: Marx-Engels, *Correspondance*, Éditions sociales, Paris 1971, pages 54 and 543.

perdido para nós”. (O programa de 17 pontos, ou “Demandas do Partido Comunista na Alemanha”, incorporou o conteúdo do Manifesto Comunista.) Na mesma carta, Engels informou Marx sobre seu medo com o aumento da ação dos trabalhadores têxteis, que corriam o risco de comprometer tudo: “Os trabalhadores estão começando a se agitar um pouco, ainda de uma forma muito grosseira, mas como uma massa. Eles imediatamente formaram coalizões. Mas para nós, isso só pode ser um obstáculo”¹⁵ (*sic!!!*)

Marx e Engels, com base em sua recém-descoberta concepção “materialista” da história, acreditavam que a burguesia tinha que exercer o poder antes que a classe trabalhadora pudesse fazê-lo por sua vez: a agitação social, portanto, tinha que ser contida para não prejudicar as chances da burguesia.

Em 1848, Bakunin não era um anarquista, ele estava preocupado com duas coisas: promover a emancipação nacional das nacionalidades eslavas da Europa Central e libertá-las de toda influência russa. Ele era, portanto, a favor de uma aliança entre os democratas alemães lutando pela unidade nacional e os democratas eslavos da Europa Central lutando por sua independência nacional. Este projeto ia completamente contra os planos de Marx e Engels que absolutamente não queriam esta aliança porque isso significaria concessões e o fim da dominação alemã dos territórios eslavos da Europa Central (Boêmia em particular). Esta foi a razão pela qual Bakunin teve que ser liquidado politicamente.

O projeto de Bakunin foi estabelecido em um Apelo aos Eslavos que provocou uma reação histórica de Engels, como pode ser visto no texto “Panslavismo Democrático”. De fato, tal projeto teria envolvido concessões territoriais pelos alemães que estavam ocupando terras tradicionalmente eslavas, o que

15 Engels a Marx, 25 April 1848, MECW, vol. 38, pp. 172-173.

os autores do Manifesto Comunista recusaram categoricamente. Foi nessa época que as campanhas de calúnia contra Bakunin começaram, e ele foi acusado de ser um eslavófilo, ou pan-eslavo, e a *New Rhenish Gazette* de Marx publicou que ele era responsável pela prisão de muitos poloneses.¹⁶

Os rumores prejudiciais contra Bakunin não cessaram após sua prisão em 1849; pelo contrário, aumentaram, mas ele não estava ciente delas até depois de sua fuga em 1861. Enquanto o revolucionário russo apodrecia na terrível fortaleza de Pedro e Paulo, dois artigos assinados “Marx” apareceram no *Morning Advertiser* em agosto de 1853 alegando que ele havia sido recebido de braços abertos pelo czar, que ele não estava na prisão e que estava celebrando sua traição bebendo champanhe com mulheres galantes. Mas, pela primeira vez, Karl Marx não teve nada a ver com essa calúnia, pois o signatário era um certo “Francis Marx” obviamente um pseudônimo.

David Urquhart – um colaborador próximo de Marx¹⁷ –, repetiu a calúnia no *The Free Press* em setembro de 1856, e novamente em março de 1862, denunciando Bakunin como um

16 O artigo do *Neue Rheinische Zeitung* (6 de julho de 1848) afirmava que George Sand (uma conhecida escritora) estava de posse de provas de que Bakunin era “um instrumento da Rússia ou um agente recém-ingressado em seu serviço, e que ele deve ser responsabilizado em grande parte pela prisão dos infelizes poloneses que foi realizada recentemente”. Naturalmente, George Sand negou categoricamente, e Marx respondeu que, ao publicar essa “informação”, o *Neue Rheinische Zeitung* havia dado a Bakunin “uma oportunidade de dissipar essa suspeita, que realmente existia em Paris em certos círculos”. Mas o mal estava feito, e essa calúnia paralisou a atividade de Bakunin por um longo tempo.

17 Urquhart, qualificado por Herzen como um “radical excêntrico” e meio louco, era conhecido como caluniador de vários políticos, incluindo Mazzini, Kossuth e até mesmo Palmerston, que ele fazia passar por agentes do governo russo.

agente do Czar. Foram necessários muitos protestos para que Bakunin obtivesse um pedido de desculpas, após ameaçar responder ao autor “não com caneta na mão, mas com a mão sem caneta”. Deve-se lembrar que Bakunin era um gigante de dois metros de altura e que o cartão de identificação da polícia prussiana o descrevia como “kolossal”.

É significativo que, naquela época, Bakunin nunca tenha pensado em culpar os judeus. Mas quando as calúnias começaram novamente em 1869 pelos mesmos homens, Bakunin deve ter sentido que tudo iria se repetir mais uma vez.

Esta digressão sobre a revolução de 1848 pareceu necessária para mostrar que as divergências estratégicas entre Bakunin e Marx/Engels existiam muito antes da fundação da Internacional. Depois de 1868, Marx e sua comitiva apenas reformularam as acusações e calúnias que fizeram contra Bakunin 20 anos antes.

♦ **Eslavofobia posterior: o centro de gravidade da reação na Europa**

A acusação de eslavofilia era muito séria e ofensiva para Bakunin, que foi muito afetado por ela. A eslavofilia (ou pan-eslavismo), à qual ele se opunha radicalmente, era um movimento que afirmava que a única maneira dos eslavos da Europa Central serem livres era se colocarem sob a proteção da Rússia. Bakunin era absolutamente oposto à “organização de um mundo eslavo separado, hostil ou mesmo apenas estranho a povos de diferentes raças”¹⁸. Este mesmo texto também afirma que a seção eslava “lutará com igual energia contra todas as tendências e manifestações do pan-eslavismo, isto é, da chamada libertação dos povos eslavos pelo poder do Império Russo, bem como do pangermanismo...”. Portanto, estamos

18 Bakunin, Programme de la section slave de Zurich, Œuvres, Champ libre, p. 186.

longe do messianismo antiocidental e eslavófilo que alguns autores veem em Bakunin.

Bakunin era tão não-panslavista que, evocando a situação dos trabalhadores eslavos do Império Austríaco, ele se perguntou o que eles deveriam fazer: juntar-se aos partidos nacionalistas eslavos à frente dos quais estão “seus exploradores e opressores diários, burgueses, fabricantes, comerciantes, especuladores, jesuítas em batinas e donos de imensas propriedades...” ou juntar-se ao partido socialdemocrata austríaco [alemão] no qual estão “seus irmãos em condição social, na comunidade do destino”. Sem hesitar, ele indica que se não houver outra solução, os trabalhadores eslavos devem escolher a socialdemocracia austríaca: “mesmo que cometam um erro, eles compartilham o destino comum de seus irmãos no trabalho, na convicção, na existência, alemães ou não, não importa.” Esses desenvolvimentos, que podem ser encontrados em *Estatismo e Anarquia*, não parecem ter desviado alguns autores da tese sobre a “germanofobia cega” de Bakunin. Em Bakunin, o critério de classe sempre domina o critério de identidade nacional.

A oposição entre Marx-Engels e Bakunin baseava-se em outra questão geopolítica mais ampla, que viria à tona vinte anos depois: qual era o centro de gravidade da reação na Europa- Alemanha ou Rússia?

A principal, quase obsessiva preocupação de Marx sempre foi a unidade alemã, pois era a condição da constituição do proletariado alemão como um partido político nacional (O que é bom para a Alemanha é bom para todos os outros). Em sua visão, a Rússia czarista era a principal causa do atraso da Alemanha em estabelecer a democracia e se unir, e era, portanto, o centro da reação na Europa.

“Já durante sua vida, quando apenas uma pequena quantidade de sua obra foi publicada, era

amplamente conhecido que Marx era afligido por uma forma muito franca de russofobia. Para ele, a Rússia era uma potência extremamente perigosa e incivilizada com uma ânsia por expansão que só poderia ser bloqueada pela força militar. Como o Ocidente, na opinião de Marx, não fez o suficiente para se defender contra a ameaça russa, ele acreditava que estadistas europeus proeminentes, como o primeiro-ministro britânico Lord Palmerston, eram agentes pagos dos russos. Antes de 1871, ele pensava no estado prussiano como um servo escravo de seu mestre czarista. Socialistas russos famosos como Alexander Herzen e Mikhail eram desprezados e odiados por Marx.”¹⁹

Marx e Engels viam a Rússia como o inimigo número um da revolução na Europa (a revolução democrática) e como o principal obstáculo à unificação da Alemanha e ao desenvolvimento da democracia naquele país. Este era um tema recorrente em sua obra. Em 1848, eles advogaram a guerra contra a Rússia para forjar a unidade nacional contra um inimigo externo e forçar o Rei da Prússia a conceder reformas liberais: um lembrete da “revolta das massas” de 1793 durante a Revolução Francesa. Dezesesseis anos depois, as resoluções do Congresso de Genebra da IWA retomaram o tema do perigo russo.

A pauta do Congresso incluía onze questões, a oitava das quais dizia o seguinte:

“8. Sobre a necessidade de aniquilar a influência russa na Europa pela aplicação do direito dos povos à autodeterminação e à reconstituição da Polônia em bases democráticas e sociais”.

19 Bruno Naarden, “Marx and Russia”, Institute for Eastern European Studies, University of Amsterdam

Observe que o direito dos povos à autodeterminação não se aplicava à Boêmia (aproximadamente o que mais tarde se tornaria a Tchecoslováquia).

Em 1894, Engels retomou esta ideia:

“O império russo dos czares representa ao mesmo tempo o maior bastião, a última posição fortificada e o exército de reserva da reação europeia; sua mera existência passiva constitui para nós uma ameaça e um perigo.”²⁰

Como pode essa massa atrasada, que não passou do nível de desenvolvimento pré-capitalista, impedir tanto o avanço do capitalismo e da democracia na Europa?

O ponto de vista de Bakunin era mais sutil que o de Marx, muito mais alinhado com o “materialismo histórico”. Ele considerava que a Prússia, a Áustria e a Rússia estavam intimamente conectadas umas com as outras porque eram as três cúmplices da partição da Polônia e, conseqüentemente, igualmente reacionárias. Bakunin admitiu de bom grado que a Rússia tinha sido de fato por um tempo a força motriz da reação na Europa, mas essa função tinha desaparecido gradualmente com o fortalecimento do poder prussiano que levou à constituição do Império Alemão. Agora era a Alemanha de Bismarck que tinha se tornado o centro da reação.

Em 1848, a Prússia era uma monarquia autocrática ainda dependente da pressão russa; em 1867, após a introdução do sufrágio universal, era líder de uma confederação com instituições liberais, poder industrial e financeiro significativo e capacidade de se proteger. Em 1871, sob a liderança prussiana, a Alemanha se tornou um império poderoso, bloqueando

20 Engels, “The foreign policy of Russian tsarism”, *Sozial-demokrat*, déc. 1889- février 1890

definitivamente qualquer esperança de avanços russos para o Noroeste.

Bakunin contesta que a Rússia ainda seja uma ameaça, primeiramente, porque a sociedade russa e o estado estão profundamente corrompidos; segundo, porque a Prússia tem uma preponderância indiscutível sobre a Rússia em termos de desenvolvimento político, administrativo, legal, industrial, comercial, científico e social. E se os russos nunca vieram para a Alemanha como conquistadores, eles também não vieram como professores ou administradores: “do que se segue que se a Alemanha realmente tomou emprestado algo da Rússia oficial, o que eu nego formalmente, isso só poderia ter sido por inclinação e gosto.”²¹

Bakunin então explica que, sem saída para o Ocidente, a Rússia foi forçada a devotar suas energias para se expandir para o leste, para a Ásia Central, o que deixou Marx e Engels em pânico, que temiam que a Rússia tivesse ambições para a Índia, uma colônia britânica; Bakunin descartou essa possibilidade, pois os russos só poderiam chegar à Índia “depois de pacificar as numerosas tribos guerreiras do Afeganistão”²² ... A observação assume uma conotação irônica quando você considera o que aconteceu com as tentativas da União Soviética de se estabelecer neste país.

Foi depois da publicação de *Estatismo e Anarquia* que a abordagem de Marx e Engels à Rússia mudou: foi depois da morte de Bakunin que eles mudaram sua visão do mundo eslavo²³ e começaram a publicar artigos sobre a política russa contrastando com a russofobia histórica dos anos anteriores. No entanto, o espectro da guerra com a Rússia permaneceu

21 Bakounine, *L'Empire knouto-germanique*, Champ libre, VIII, 63.

22 Bakunin, *Étatisme et anarchie*, Champ libre, IV, 282

23 Cf. René Berthier, *Bakounine Politique: Révolution et contre-révolution en Europe centrale*, Éditions du Monde Libertaire, 1991.

presente, marcando a política alemã até a Segunda Guerra Mundial

O fator desencadeante

Marx e Engels só repetiram depois de 1869 as manobras caluniosas às quais recorreram contra Bakunin em 1848. As acusações de pan-eslavismo contra Bakunin serviram a Marx e Engels como argumentos para desacreditar o revolucionário russo com o público e contrariar as propostas políticas que ele fez. Em 1848-1849, o projeto de aliança entre democratas alemães e eslavos sobre a questão da unidade alemã e da independência eslava teve que ser demolido a todo custo. Na Internacional, o projeto federalista deveria novamente ser combatido a todo custo. As acusações obsessivas de pan-eslavismo contra Bakunin foram os meios que Marx e Engels usaram para tentar desacreditá-lo politicamente.

Foi depois do Congresso de Basileia (1869) que a agressividade de Marx contra Bakunin se mostrou abertamente. De fato, os votos dos delegados sobre a questão da herança, que tinha valor simbólico para Marx, se dividiram assim:

63% dos delegados votaram pelos textos “coletivistas”.

31% pelos textos “marxistas”.

6% pelos mutualistas (proudhonianos).

Naturalmente, tal situação era inaceitável para Marx, embora fosse a expressão democrática dos delegados da Internacional naquela época. Dizem que Eccarius murmurou: “Marx ficará terrivelmente irritado!”²⁴ Foi depois desse congresso que começaram os ataques sistemáticos e mais violentos contra Bakunin, orquestrados por Marx, Engels e seus seguidores.

24 Citado por James Guillaume, *L'internationale documents et souvenirs*, Vol. I, p. 204.

Foi um artigo insultuoso e infame de Moses Hess, um acólito de Marx, seguido por muitos outros, que desencadeou o antissemitismo de Bakunin, mas o fato, observado pelo revolucionário russo, de que a comitiva de Marx era composta em grande parte (mas não exclusivamente) por judeus (Hess, Borkheim, Outine, etc.), não desculpa os desvios inaceitáveis de Bakunin.

Três semanas após o Congresso de Basileia, o jornal parisiense *Le Réveil* publicou um artigo em 2 de outubro de 1869 por Moses Hess, que havia participado do Congresso como delegado dos Socialistas de Berlim. Ele era, escreve James Guillaume, “um amigo de Karl Marx, cujas antipatias ele compartilhava contra os revolucionários russos e especialmente contra Bakunin”. Neste congresso, a proposta de Bakunin e seus amigos para a abolição da herança recebeu 32 votos, enquanto a proposta de Marx – a do Conselho Geral – recebeu apenas 19 (com 37 votos contra). Marx ficou muito descontente e foi, sem dúvida, ele quem inspirou o artigo de Hess, que lançou Bakunin sob uma luz questionável e sugeriu que ele poderia muito bem ser um agente do governo russo.

Hess alegou que queria informar o público sobre a “história secreta do Congresso de Basileia”, onde havia, segundo ele, “um partido russo, liderado por Bakunin, e intimamente relacionado ao partido prussiano liderado por M. de Schweitzer”.²⁵ Este partido russo “funcionou em um interesse pan-eslavista”, escreve Hess:

“Bakunin se lisonjeou de que poderia induzir o Congresso de Basileia a alterar os princípios e a

25 Em 1867, Schweitzer tornou-se líder da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães (ADAV), fundada por Ferdinand Lassalle. Os socialistas marxistas da Alemanha, conhecidos como a “facção de Eisenach”, espalharam o boato de que Schweitzer era um “agente de Bismark”.

direção da Internacional; mas essas intrigas foram frustradas na reunião anual dos delegados. Um partido russo ainda não existia nos Congressos anteriores da Internacional. Foi somente no decorrer do ano passado que uma tentativa de mudar a organização e os princípios da Internacional, bem como transferir a sede do Conselho Geral de Londres para Genebra, foi feita por Bakunin, um patriota russo cuja boa-fé revolucionária não suspeitamos, mas que acalenta projetos fantasiosos não menos condenáveis do que os meios de ação que emprega para realizá-los. É concebível que um patriota russo, mesmo que não tivesse nenhum motivo oculto, como se supõe ser o caso do líder dos comunistas prussianos [M. de Schweitzer], preferisse procedimentos sumários que inevitavelmente levassem a uma guerra social que permitiria aos bárbaros do Norte rejuvenescer a civilização moderna.”²⁶

Segundo Hess, entre os “coletivistas da Internacional” e os “comunistas russos” haviam “toda a diferença que existe entre civilização e barbárie, entre liberdade e despotismo, entre cidadãos condenando todos os tipos de violência e escravos acostumados às ações da força bruta”.

James Guillaume comentou: “Quando Bakunin leu a extraordinária elucubração que o *Réveil* havia recebido com tão surpreendente leveza, ele ficou bravo – e havia uma boa razão para isso – e pegou sua boa caneta para escrever, com sua melhor tinta, uma resposta endereçada 'Aos editores cidadãos do *Réveil*'. ”²⁷

26 Citado por James Guillaume, *L'internationale Documents et Souvenirs*, tome I, Deuxième partie, ch. XII, p. 216 sq.

Marx é alvo

Na verdade, por trás do antissemitismo de Bakunin, que repete sem imaginação todos os clichês da época, é Marx que é de fato o alvo, mas estranhamente, raramente é nomeado explicitamente. Estou surpreso que Zoe Baker não faça nenhuma referência (a menos que eu esteja enganado) à suposta “germanofobia” de Bakunin, o que teria apoiado a tese de que Bakunin era um “racista”. Mas embora Bakunin seja acusado de ser “racista”, talvez seja apenas seu antissemitismo que interessa a Baker. Essa “germanofobia” foi um tanto rotulada por alguns anarquistas de língua inglesa que, como Baker com o antissemitismo, queriam enfatizar o “racismo antialemão” de Bakunin. Na minha opinião, esses ativistas cometem o erro de não contextualizar o problema e, acima de tudo, de não terem realmente lido Bakunin. É verdade que Bakunin faz comentários anti-alemães, mas infelizmente os autores que apontam isso não mencionam que Bakunin é muito cuidadoso ao especificar que está atacando *a civilização burguesa e estatal* da Alemanha, não o proletariado, pelo qual ele sempre demonstrou o maior respeito.

Tanto que ele pensa que os povos eslavos terão dificuldade em encontrar o caminho para a emancipação por conta própria:

“Eles devem ser ajudados a encontrá-lo; e ninguém poderia fazê-lo melhor do que o proletariado da Alemanha, que, muito mais esclarecido e mais avançado em todos os aspectos do que o proletariado eslavo, parece chamado por sua própria posição geográfica, bem como por toda a sua história, a mostrar aos seus irmãos nos países eslavos o caminho para a libertação, como a

27 Bakounine, Oeuvres V, éditions Stock, “Aux citoyens rédacteurs du *Réveil*”, Avant-propos de James Guillaume.

burguesia alemã, em seu tempo, lhes mostrou o caminho para a escravidão.”²⁸

Os eslavos – os proletários eslavos, é verdade – têm que olhar para seus camaradas alemães em busca de ajuda. Aqui temos uma estranha “germanofobia”. É significativo que isso seja precisamente o que os líderes bolcheviques esperavam do proletariado alemão em 1917, e sabemos que suas esperanças foram frustradas.

Zoe Baker poderia ter mencionado outro fato, que não é uma ilustração do antissemitismo de Bakunin, mas revela sua abordagem à “questão judaica”, que não se limita ao seu antissemitismo. Em vários textos²⁹, Bakunin elabora uma espécie de estatística demográfica das diferentes regiões da Europa Central: várias vezes ele lista as diferentes nacionalidades que compõem essas regiões (poloneses, eslovenos, rutenos, tchecos, morávios, etc.), e então ele fala de “alemães e judeus”, sem distinção. Isso me intrigou no início, mas então percebi que ele estava igualando as duas nacionalidades porque os judeus tinham sido, em sua visão, um dos atores na germanização dos territórios eslavos ocupados pela Prússia e Áustria – um fato que o próprio Engels confirma. (A própria Prússia era um antigo território eslavo.) O que ele viu nos judeus era, de fato, sua função histórica e nada mais.

A assimilação de judeus e alemães na mesma categoria demográfica – e sem dúvida cultural – parece ser evidente para Bakunin, que evoca as estatísticas populacionais do Império Austríaco em *Estatismo e Anarquia*:

28 Bakounine, “Para os companheiros da federação de seções internacionais do Jura”, février-mars 1871, éd. Cham libre, III, p. 44.

29 “Para os companheiros da federação de seções internacionais do Jura”, 6 de junho de 1872.

“Dos 36 milhões de habitantes, essas raças estão distribuídas da seguinte forma: cerca de 16.500.000 eslavos (5 milhões de poloneses e rutenos; 7.250.000 outros eslavos do norte: tchecos, morávios, eslovacos; e 4.250.000 eslavos do sul); cerca de 5.500.000 magiares, 2.900.000 romenos, 6.000.000 italianos; 9.000.000 alemães e judeus e cerca de 1.500.000 de outras origens.” [*Ênfase minha*]

Parece, portanto, que a “subcategoria” constituída pelos judeus nem sequer se beneficia de uma quantificação particular. Entre esses 9 milhões de alemães, não saberemos quantos judeus existem: para Bakunin isso não parece importante. Essa indistinção é novamente aparente quando Bakunin censura os alemães austríacos por quererem supremacia política no império, “embora, junto com os judeus, eles formem apenas um quarto da população”. O reino da Hungria, aprendemos, além dos magiares mal superando os eslavos em número, tem romenos e “1.800.000 judeus e alemães”. Engels não contradiz a abordagem de Bakunin a essa questão: ele escreve sobre a Europa Central que os judeus, “na medida em que pertencem a qualquer nacionalidade, são nesses países certamente mais alemães do que eslavos”.³⁰

Desnacionalização dos eslavos

O processo de desnacionalização alemã dos eslavos é descrito em termos surpreendentemente semelhantes por Bakunin e Engels, com a notável diferença de que Bakunin não aprovava esse processo, enquanto Engels considerava a germanização a melhor coisa que havia acontecido aos eslavos: os alemães, diz ele, salvaram os eslavos do sul de se tornarem

30 Engels, *Révolution et contre-révolution en Allemagne*, Œuvres choisies I, p. 351.

turcos, “um serviço que não é muito caro, mesmo ao preço de trocar sua nacionalidade pela alemã ou magiar”. “A cultura alemã se desenvolveu e, intelectualmente, os eslavos também se tornaram subordinados aos alemães, até mesmo na Croácia”. Em sua exposição das vastas perspectivas históricas das nações europeias, Engels acrescenta:

“Não há país na Europa que não tenha em algum canto ou outro um ou vários fragmentos arruinados de povos, o remanescente de uma antiga população que foi suprimida e mantida em cativeiro pela nação que mais tarde se tornou o principal veículo do desenvolvimento histórico. Essas relíquias de uma nação impiedosamente pisoteada no curso da história, como diz Hegel, esses fragmentos residuais de povos sempre se tornam porta-estandartes fanáticos da contrarrevolução e permanecem assim até sua completa extirpação ou perda de seu caráter nacional, assim como toda a sua existência em geral é em si um protesto contra uma grande revolução histórica.”

Engels então menciona os galeses, os bretões e os bascos. Assim, “A próxima guerra mundial resultará no desaparecimento da face da terra não apenas de classes e dinastias reacionárias, mas também de povos reacionários inteiros. E isso também é um passo à frente.” Podemos ver que Engels inventa dois conceitos extremamente perturbadores que constituem excessos racistas: “povos reacionários” e “fragmentos residuais de povos”.³¹

Deve-se notar que Marx nunca questionou as declarações de seu amigo.

31 Engels, “The Magyar Struggle”, Marx-Engels Collected Works, Volume 8, p. 227;

Os argumentos tendenciosos de Bakunin

Bakunin nunca menciona a condição dos judeus nos países germânicos, Alemanha ou Áustria. Esta questão não parece tê-lo interessado. De acordo com Yuri Steklov, um historiador bolchevique, a experiência de Bakunin com os judeus na parte ocidental da Rússia durante sua carreira militar contribuiu para seu antissemitismo. Esta tese é implausível. De fato, sua correspondência naquela época mostra que ele estritamente não se importava com os judeus. Se ele tivesse sido, mesmo que ligeiramente, atento à questão, ele não teria deixado de notar que os judeus dessas regiões eram, no geral, extremamente pobres. É difícil ver, portanto, como ele poderia ter desenvolvido a tese dos judeus como um poder financeiro e explorador com base apenas neste elemento. Sua visão dos judeus foi formada mais tarde e abrange tanto a Europa Ocidental quanto a Central. Os judeus foram os criadores das primeiras letras de câmbio e notas bancárias, que foram “como é bem sabido, emitidas por judeus da Itália”, diz el

O suposto ou real controle dos judeus sobre a imprensa, encontrado também em Bakunin, é um dos argumentos básicos do antissemitismo, mas a observação às vezes é feita pelos próprios judeus: “Não somos apenas o 'povo do Livro', escreve Peter Novick, mas o povo do filme de Hollywood e da minissérie de televisão, do artigo de revista e da coluna de jornal, da história em quadrinhos e do simpósio acadêmico”.³² É preciso se perguntar: se Bakunin é antissemita quando aponta o papel dos judeus na imprensa, podemos dizer que Novick também é?

32 Peter Novick, *L'Holocauste dans la vie américaine*, Gallimard, p. 20.

Peter Novick (July 26, 1934, Jersey City – February 17, 2012, Chicago) foi um historiador americano que foi professor de história na Universidade de Chicago. Ele fundou o programa de Estudos Judaicos na Universidade de Chicago.

Quando ele fala dos judeus em geral, Bakunin lhes concede o status de uma “nação” de alguma forma transnacional. Entre o lixo que ele transmite sobre os judeus está a ideia de que eles constituem um “poder”, um dos temas favoritos do antissemitismo.

A emancipação política dos judeus na Áustria modificou significativamente os dados estatísticos do país no nível socioprofissional. Em 1857, os judeus representavam 1,6% da população de Viena; em 1890, eles representavam 12%. O antissemitismo se tornou um problema real e foi precisamente nessa época que os social-democratas pediram a Engels, até então bastante antissemita, que interviesse em sua luta contra o antissemitismo. Naquela época, os judeus representavam um terço dos estudantes da Universidade de Viena. O município desta cidade estava nas mãos de Karl Lüger, eleito em uma plataforma explicitamente antissemita.

Segundo Herbert Rozenkranz³³, os judeus ocuparam uma participação preponderante nos seguintes setores a partir da década de 1930:

Recuperação de metais: 100%.

Restaurantes self-service: 94%

Publicidade: 90%.

Móveis: 85%.

Imprensa: 80%

Bancos: 75%.

Têxteis: 73,3%.

Seguros: 70%

Comércio de gado: 70%.

Comércio de madeira: 70%.

33 Herbert Rozenkranz, *The Anschluss and the Tragedy of Austrian Jewry, 1934-1945*, cf. Joseph Fraenkel éd., *The Jews of Austria*, p. 480. Herbert Rosenkranz, nascido em Viena em 7 de julho de 1924 e falecido em 5 de setembro de 2003 em Jerusalém, foi um historiador austríaco de fé judaica.

Aqui, novamente, é preciso se perguntar: se Bakunin é antissemita quando aponta o papel dos judeus no setor bancário, podemos dizer que Rozenkranz também o é?

Na verdade, o que faz a diferença entre uma abordagem racista e uma sociológica na determinação da proporção de judeus (ou qualquer outra comunidade) em qualquer setor de atividade é a intenção: a intenção pode ser polêmica ou científica. Mas o próprio fato de fazer estatísticas não é em si questionável. Bakunin não deve, portanto, ser condenado por apontar o papel dos judeus no setor bancário e na imprensa, mas por fazê-lo com *intenção polêmica* e sobre uma base de preconceito. Portanto, não é absolutamente falso dizer que os judeus representavam um “poder”, ou pelo menos que controlavam uma parte substancial da atividade em certas áreas, incluindo o setor bancário e a imprensa, mas tudo depende do que se quer dizer com essa palavra. A vitalidade econômica dessa comunidade era real, mas atribuir a ela um “poder” no sentido político da palavra é falso. Estudos sociológicos realizados no período contemporâneo mostram, por exemplo, que o “voto judeu” na França (e não há razão para pensar que seja diferente em qualquer outro lugar) é uma ficção e que as intenções de voto da comunidade judaica são distribuídas mais ou menos como as do resto da população. A suposta homogeneidade dessa comunidade também é uma ficção.

O “poder” real ou suposto atribuído aos judeus é um dos principais argumentos da propaganda antissemita. Quando alguém designa uma entidade como um “poder formidável”, como Bakunin faz, também a designa como uma ameaça potencial. É isso que os antissemitas geralmente fazem. E seu antissemitismo tem sua conclusão nas medidas que eles

propõem para reduzir essa ameaça, cujo auge foi alcançado na Alemanha nazista.

A “solução” proposta por Bakunin para a “questão judaica” e o “poder” que eles representam é talvez a mais surpreendente na longa e infeliz história do antissemitismo:

“Este poder foi criado por mais de vinte e cinco séculos de perseguição, a mais ampla liberdade sozinha será capaz de dissolvê-lo.”³⁴

Esta observação, que não deveria ser irrelevante na análise do antissemitismo de Bakunin, parece ter escapado à vigilância de Zoe Baker.

Em todo o caso, contrasta com Marx, para quem “a emancipação dos judeus é a emancipação da humanidade do judaísmo” (*A questão judaica*).

Bakunin é “autocontraditório”?

Baker diz que Bakunin é “autocontraditório” porque, por um lado, ele seria “antissemita” e, por outro, ele “defendeu a emancipação humana universal em várias ocasiões”. “Várias ocasiões”??? *Mas toda a sua obra como anarquista é voltado para a emancipação humana, começando pela do proletariado.*

Eu diria que um autor é “autocontraditório” quando, considerando a maior parte de sua obra, encontraríamos posições sistematicamente contraditórias. Aqui, Baker contrasta o antissemitismo de Bakunin, que foi circunscrito a um período limitado de sua vida, com sua obra geral, que foi apaixonadamente devotada, em palavras e ações, à emancipação humana da opressão e exploração. Por outro lado,

34 Bakunin, “Aos companheiros editores do Bulletin de la Fédération jurassienne”, 6 June 1872.

não se pode ignorar que, se ele fez declarações antissemitas (algumas das quais não foram publicadas), ele nunca converteu essas declarações em prática.

Baker fica surpreso que os anarquistas judeus não reagiram contra o antissemitismo de Bakunin: “Não consegui encontrar nenhuma menção ao antissemitismo de Bakunin nos escritos de anarquistas de origem judaica que estão disponíveis em inglês, como Berkman, Goldman e Gustav Landauer”. Acho que eles simplesmente não levaram seu antissemitismo a sério e, além disso, entenderam perfeitamente que o antissemitismo não era o cerne de sua doutrina. Um autor antissemita é alguém cuja obra tem o antissemitismo como seu centro de gravidade. O centro de gravidade do pensamento de Bakunin é a emancipação da classe trabalhadora da opressão política, exploração econômica e alienação religiosa³⁵.

Talvez esta seja a atitude mais racional a adotar em relação aos excessos antissemitas de Bakunin: eles são circunstanciais, não questionam o cerne de seu pensamento, e os anarquistas judeus simplesmente não fizeram alarde sobre isso, como algumas pessoas fazem. No entanto, eles permanecem absolutamente inaceitáveis. Em outras palavras, entre as cerca de 40 páginas antissemitas de toda a obra de Bakunin e as 2400 páginas³⁶ dedicadas à luta contra a opressão, a exploração e pela emancipação humana, eles mostraram que têm senso de proporção. A conclusão a ser tirada deste caso é que qualquer pessoa em algum momento pode escorregar e mostrar seu lado sombrio, e que a vigilância permanente é necessária.

* * * * *

35 O mesmo vale para Marx, cujas declarações antissemitas furiosas em sua correspondência não podem classificá-lo como um “pensador antissemita”. Mas ao antissemitismo furioso de Marx deve ser acrescentado seu racismo antieslavo.

36 Figure corresponding to the six volumes of the Stock edition.

Baker escreve que “não consegui encontrar um lugar onde Guillaume reconheça o racismo de Bakunin”. Não é inteiramente verdade: Aqui estão algumas linhas de James Guillaume, onde Bakunin não é explicitamente mencionado, mas que de certa forma ecoam a conclusão do vídeo de Baker; quando Guillaume diz “nós”, ele quer dizer o próprio Bakunin Guillaume e seus seguidores:

“Calumniados e vilipendiados por uma sequência de intrigantes, fomos de fato obrigados a notar que alguns dos mais implacáveis contra nós eram judeus alemães e russos, que pareciam apoiar uns aos outros por espírito de corpo, – e achamos que deveríamos dizer isso. Mas nunca tivemos qualquer animosidade contra nenhuma das raças que compõem a humanidade. Estávamos bem cientes de que se Marx era judeu, seu alter ego, Engels, muito menos inteligente e muito mais odioso do que ele, não era; e não poupamos a expressão de nossa admiração e simpatia por judeus como Henri Heine e Ferdinand Lassalle. Contávamos entre nossas fileiras, entre nossos camaradas mais devotados, israelitas, homens e mulheres; e hoje não há grupos de anarquistas judeus russos onde a memória de Bakunin é objeto de um verdadeiro culto?”³⁷

O antisemitismo de Bakunin não deixou seus apoiadores mais próximos indiferentes. Assim, o militante espanhol Anselmo Lorenzo escreveu que o uso do argumento de que Marx era judeu por Bakunin “teve um efeito desastroso sobre mim”: “Isso se opunha aos nossos princípios de fraternidade

37 James Guillaume, *L'Internationale, Documents and Souvenirs*, Volume I, troisième partie, Ch. X, pp. 157-158.

sem diferenças de raça e credo”.³⁸ Wolfgang Eckhardt escreve que “Lorenzo mais tarde lamentou que sua resposta à carta de Bakunin tivesse sido tão dura”. Poucos anos depois, Lorenzo releu sua resposta a Bakunin: ele próprio havia sido “vítima das hostilidades e do ódio que os conflitos produzem” e compreendia a solidão que Bakunin havia experimentado.³⁹

No entanto, Baker está errado ao dizer que Bakunin “não estava ciente” da natureza de suas observações sobre os judeus. Ao discutir os judeus, ele sabia perfeitamente que estava pisando em terreno delicado: “Estou bem ciente de que, ao declarar com essa franqueza meus pensamentos mais íntimos sobre os judeus, me exponho a enormes perigos”.⁴⁰

Comentário “Aos companheiros...”

“Aos Companheiros da Federação das Seções Internacionais do Jura” foi escrito em fevereiro-março de 1872, mas não foi publicado, exceto por alguns fragmentos reproduzidos por Max Nettlau em sua biografia de Bakunin. James Guillaume publicou parte do manuscrito em 1914 sob o título “Pages inédites” [páginas não publicadas]. Este texto é, sem dúvida, um daqueles em que o antissemitismo de Bakunin é mais evidente: ocupa 6 das 82 páginas do documento. Este documento também é inteiramente consistente com a maneira de escrever de Bakunin: ele começa a toda velocidade no assunto que o motiva em primeiro lugar, então perde o interesse nele e se envolve em longas digressões que não têm mais nada a ver com ele, mas que muitas vezes são mais interessantes do que o assunto original.

38 Anselmo Lorenzo, *El proletariado militante*, Barcelona, p. 323.

39 Wolfgang Eckhardt, *The First Socialist Schism*, Bakunin vs. Marx in the International Working Men's Association, chapter 11.

40 Bakounine, “Lettre aux citoyens du Réveil”. Œuvres, Stock, tome V, p. 244.

O objetivo da carta aos militantes da Federação do Jura era informar seus companheiros que, desde o Congresso da Internacional realizado em Basileia em setembro de 1869, ele havia se tornado “objeto das mais tolas e odiosas calúnias, por parte de uma seção da imprensa socialista na Alemanha, bem como do órgão da Federação de Genebra, l'Égalité”. Ele declara que desconhecia as causas desses ataques, afirmando que, por sua vez, nunca havia atacado indivíduos, mas havia “lutado contra ideias que [ele] considerava prejudiciais e falsas”.

“...se nossos oponentes tivessem se contentado em nos atacar por nossas ideias anárquicas, certamente não teríamos nada para reprová-los. Esse seria o direito deles, assim como é nosso defender e propagar nossas ideias. Infelizmente para a Internacional e para eles mesmos, eles não queriam, não podiam se resignar a essa moderação que lhes foi imposta tanto pelo cuidado de sua própria dignidade e pela justiça, quanto pelo interesse supremo de nossa grande Associação, da qual esperam, tanto quanto nós, a libertação final do proletariado”.

Bakunin acrescenta que a razão de sua carta aos jurássicos é que ele havia sido insultado e caluniado em seu “caráter russo e eslavo”. Ele claramente sentiu que os ataques a ele eram racistas. Uma leitura da correspondência entre Marx e seus colaboradores próximos confirma amplamente essa impressão. Ele, portanto, queria

“...explicar de uma vez por todas, sem negligenciar nenhum dos principais aspectos da questão eslavo-germânica, a maneira como sempre considerei e tratei essa questão. Em segundo lugar, estou profundamente convencido de que essa questão não

é tão indiferente ou tão estranha aos desenvolvimentos passados e futuros da Associação Internacional dos Trabalhadores quanto pode parecer à primeira vista.”

Além das calúnias das quais foi vítima, Bakunin pretendia, portanto, fazer um balanço da questão das relações entre a Alemanha e os eslavos, pois pensava que isso poderia ter repercussões na existência da Internacional. De fato, os últimos três quartos do texto são dedicados a reflexões geopolíticas extremamente interessantes

Contaminado por comentários antisemitas

Infelizmente, as primeiras páginas do texto estão contaminadas por comentários antisemitas dirigidos a “judeus alemães” e a Outine, descrito como um “pequeno judeu russo”. Dizem que os judeus são um “poder real” na Alemanha, “reinando como mestres no setor bancário”. Eles são “uma raça muito interessante” que “criou o comércio internacional e aquele poderoso instrumento econômico chamado crédito”. Como todas as outras nações do mundo, os judeus são “o produto fatal da história”: “Seria, portanto, injusto censurá-los por seus erros”, mas é necessário estudá-los “para perceber o que eles podem nos trazer, seja mal ou útil”.

“Os judeus sempre foram uma raça muito inteligente e muito infeliz, desumana, cruel e vitimizada ao mesmo tempo, perseguidores e perseguidos. Desde a infância, eles adoravam um Deus homicida, o mais bárbaro e ao mesmo tempo o mais vaidosamente pessoal de todos os Deuses conhecidos na Terra, o feroz e vingativo Jeová, que os havia feito seu povo escolhido. Seu primeiro legislador, Moisés, ordenou que massacrassem

todos os povos para estabelecer seu próprio poder.
Esse foi seu início na história.”

Bakunin se refere aqui às numerosas passagens na Bíblia onde Deus pede aos israelitas que exterminem uma população em particular. Por exemplo, em Samuel (I, 15, versículo 3), Deus pede a Samuel que extermine os amalequitas:

“Vá, ataque os amalequitas e destrua tudo o que lhes pertence. Não os poupe; mate homens e mulheres, crianças e bebês, gado e ovelhas, camelos e jumentos.”

Em Deuteronômio (20, 13) somente a população masculina será morta à espada.

“Quando o Senhor, seu Deus, a tiver entregue em suas mãos, vocês passarão todos os homens nela ao fio da espada. 14 Quanto às mulheres, às crianças, ao gado e a tudo o mais que houver na cidade, vocês os tomarão como despojo para vocês.”

Em Josué (6:21), a população de Jericó é exterminada a pedido expresso de Deus, novamente:

“Eles consagraram a cidade ao Senhor e destruíram tudo o que havia nela ao fio da espada: homens e mulheres, jovens e velhos, gado, ovelhas e jumentos.”

Em Josué novamente (8:24-26), os israelitas matam a população masculina da cidade de Ai:

“Quando Israel terminou de matar todos os habitantes de Ai nos campos e no deserto onde os perseguiram, e todos eles foram mortos à espada, todos os israelitas retornaram a Ai e mataram os que estavam lá. Doze mil homens e mulheres

caíram naquele dia, todo o povo de Ai. Josué não tirou sua lança de sua mão até que ele tivesse acabado com todo o povo de Ai.”

Mas desta vez eles não mataram os animais, mas os levaram embora:

“Mas Israel tomou o gado e os despojos daquela cidade para si, como o Senhor havia ordenado a Josué.”

Portanto, não é sem razão que Bakunin descreve Jeová como um Deus “feroz e vingativo”.⁴¹

O povo judeu sempre foi derrotado, muito antes do triunfo final dos romanos, e foi constantemente transplantado por seus conquistadores assírios, babilônicos, egípcios e persas “para as partes mais remotas da Ásia, e passou séculos em emigração forçada”. Foi nessa “emigração forçada” que o culto da unidade nacional foi forjado: “Nada une tanto quanto o infortúnio”, diz Bakunin.

Tendo sido arrancados de suas terras e não podendo mais se dedicar à agricultura, eles buscaram uma saída para sua atividade no comércio: “e foi assim que os judeus se tornaram

41 Naturalmente, os horrores míticos ou reais atribuídos aos judeus há cerca de 2.500 anos, em um contexto histórico específico, não podem ser utilizados contra eles hoje. Todavia, a referência aos amalequitas ainda está viva hoje na mente dos fundamentalistas judeus. Em abril de 1969, um certo Shraga Gafni publicou o seguinte texto na revista *Mahanaim*, o jornal da capelania militar: “Quanto aos árabes, um elemento estrangeiro residente no país, mas que é, em essência, estrangeiro a esta terra, a mesma sentença deve ser aplicada a eles como foi aplicada a todos os elementos estrangeiros anteriores. Nossas guerras contra eles são inevitáveis... O único objetivo deles é destruir você. Não há outra solução a não ser destruí-los. Essa foi a punição dos amalequitas”. Os palestinos também são frequentemente comparados aos cananeus. (Relatado por Noam Chomski, *Guerre et Paix au Proche Orient*, Belfond, Paris, 1974)

o povo comerciante por excelência”, enquanto abrigavam “um ódio natural e profundo pelas nações conquistadoras”. Os judeus formaram assim uma “vasta associação comercial, de ajuda e assistência mútuas, e de exploração conjunta de todas as nações estrangeiras; um povo de parasitas vivendo do suor e sangue de seus conquistadores”.

Transplantados para a Europa, “as cruéis perseguições de que foram vítimas, durante toda a Idade Média e em todos os países, em nome de um Deus de justiça e de amor, filho único e muito digno do seu Jeová, completaram a determinação da sua tendência eminentemente hostil para com as populações cristãs da Europa”.

Ao criar crédito e letras de câmbio, “os judeus deram uma alma ao comércio internacional, que começou a se desenvolver já no século XII”. Na realidade, os judeus não inventaram a letra de câmbio, pois esse procedimento já era usado na Roma antiga. Bakunin também menciona a usura praticada pelos judeus, que se desenvolveu “em uma extensão assustadora”. Tudo isso significa que os judeus são “essencialmente conservadores”, que são apoiadores do Estado, que “abominam a libertação das massas e não são anarquistas de forma alguma” (*sic*), uma alegação posteriormente contrariada pelos muitos militantes e organizações anarquistas judeus que surgiram na Europa central e na Rússia. Na Rússia, o anarquismo começou a atrair seguidores entre os judeus russos na década de 1870 e cresceu consideravelmente na década de 1880 com a industrialização e a proletarização de centenas de milhares de trabalhadores judeus.

Bakunin enfatiza a ligação entre judeus e alemães: os primeiros tinham “adotado o alemão como sua língua nacional” em todos os países da Europa Oriental. Eles tinham, portanto, “se tornado, por assim dizer, os representantes e pioneiros da civilização alemã, ordem, disciplina e o Estado alemão nesses

países mais ou menos bárbaros da Europa Oriental”. Em países onde não havia burguesia indígena, onde havia apenas o nobre de um lado e o camponês do outro, os judeus se tornaram os “intermediários obrigatórios”. Em países “mais civilizados”, eles formaram um estrato separado que tendia a se fundir mais ou menos com a burguesia indígena, mas “nunca com o povo”.

Foi em sua carta à Internacional do Jura que Bakunin declarou que os judeus constituíam um “poder formidável” e que “esse poder foi criado por mais de vinte e cinco séculos de perseguição; somente a mais ampla liberdade será capaz de dissolvê-lo”, o que é uma solução bastante incomum para a “questão judaica”.

Curiosamente, é somente no final da parte antissemita de seu texto que Bakunin cita Marx, a quem ele menciona ao lado de “judeus ilustres” como “no mundo musical, os nomes de Meyerbeyer e Mendelssohn; na literatura política e na poesia, os de Börne e Heyne. Finalmente, em nosso tempo, o respeitável líder do radicalismo alemão, Jacoby, e o eminente escritor socialista, o principal promotor da Associação Internacional dos Trabalhadores, Charles Marx”. O nome de Marx aparece vinte e cinco vezes no texto, mas nunca é acompanhado de comentários antissemitas.

Caracterizações

Bakunin repete todos os clichês do antissemitismo de sua época, sem inovar, mas o que é incomum é que ele passa a fazer uma espécie de inventário das características que atribui aos judeus: “Como todas as outras nações da terra”, diz ele, “a nação judaica tem qualidades e defeitos, e é aconselhável “perceber o que ela pode nos trazer, seja mal ou útil”.

Vamos dar uma olhada nos aspectos negativos, de acordo com ele:

Em primeiro lugar, os judeus são um “poder” no setor bancário e na imprensa.

Eles são exploradores.

Eles adoram um Deus homicida e vingativo,

Eles formam uma “nação internacional”,

Têm ódio de “nações conquistadoras”,

São “um povo de parasitas que vivem do suor e do sangue de seus conquistadores”,

São “hostis às populações cristãs da Europa”,

Eles foram “os primeiros a adivinhar a onipotência do dinheiro” e praticam a usura,

Eles não são a favor da revolução social,

São conservadores,

São os pioneiros da “disciplina alemã e do estado alemão”,

“O judeu é burguês, ou seja, um explorador por excelência”,

Os judeus são “amigos apenas dos judeus”,

Eles têm uma “união e solidariedade mútuas indissolúveis”,

Os judeus são “instintivamente contrários a qualquer emancipação real do povo”,

O judeu é “autoritário por posição, tradição e natureza”,

Agora vamos dar uma olhada no outro lado da moeda:

Além da exposição das qualificações positivas que ele atribui aos judeus, há uma tentativa em Bakunin de explicar as causas da situação dos judeus: “como todas as outras nações da terra”, diz ele, “é o produto fatal da história”.

“Os judeus sempre foram uma raça muito inteligente e muito infeliz, desumana, cruel e vítima ao mesmo tempo, perseguidora e perseguida”.

É nesse ponto de seu relato que Bakunin fala do “feroz e vingativo Jeová” a quem Moisés “ordenou que massacrasse todos os povos, a fim de estabelecer seu próprio poder”.

Os judeus estavam espalhados “por toda a Ásia, escravizados, desprezados, oprimidos” e “arrancados da terra que Jeová lhes dera”. Eles não podiam, portanto, se envolver em nenhuma outra atividade além do comércio: “assim, os judeus se tornaram o povo comerciante por excelência”. “Em todos os países, eles encontraram seus compatriotas, vítimas como eles da opressão estrangeira, desprezados e perseguidos como eles, e como eles animados por um ódio natural e profundo das nações conquistadoras”: é assim que uma “vasta associação comercial de ajuda e assistência mútuas, e de exploração conjunta de todas as nações estrangeiras, foi formada entre os judeus...”

“As cruéis perseguições das quais foram vítimas, ao longo da Idade Média e em todos os países, em nome de um Deus de justiça e amor, o único e muito digno filho de seu Jeová, completou a determinação de sua tendência eminentemente hostil para com as populações cristãs da Europa. E, como sempre e mais do que nunca, eles responderam à opressão estúpida, cruel e iníqua com exploração implacável.”

Assim, se os judeus hoje constituem um “poder”, “esse poder foi criado por mais de vinte e cinco séculos de perseguição”.

O povo judeu nunca faltou “grandes inteligências”, diz Bakunin: para falar apenas dos tempos modernos, há “a bela figura de Spinoza” – um filósofo por quem Bakunin tinha uma afeição particular – Mendelssohn, “o nobre amigo de Lessing”. Entre os “judeus ilustres”, Bakunin também cita os Rothschilds, “os árbitros da paz e da guerra na Europa”; Meyerbeyer, Börne e Heine, e “em nossos dias, o respeitável líder do radicalismo alemão, Jacoby, e o eminente escritor

socialista, o principal promotor da Associação Internacional dos Trabalhadores, Charles Marx”.

Bakunin termina sua enumeração dizendo que “Poucas nações produziram tantos homens notáveis em tão curto espaço de tempo”. Essas personalidades “honram nosso século”, ele diz, são “profundamente respeitadas, adoradas e glorificadas. E isso com total justiça, porque são inteligências poderosas que honram sua raça”.

Um discurso muito surpreendente: enquanto ele criticava a ligação dos judeus com bancos e finanças, Bakunin define os Rothschilds como “judeus ilustres” e se refere a Marx como um “eminente escritor socialista”, em um texto no qual ele faz comentários antissemitas inaceitáveis!

Na verdade, o alvo de Bakunin neste texto é o que ele chama de “os pequenos peixes”, a “multidão inumerável de pequenos judeus, banqueiros, usurários, industriais, comerciantes, escritores, jornalistas, políticos, socialistas e especuladores sempre” que “assumiram o jornalismo alemão hoje e que fervilham hoje como líderes subalternos no Partido da Democracia Socialista dos Trabalhadores, em grande detrimento do proletariado da Alemanha”. Eles constituem “uma legião muito bem disciplinada”. Bakunin os nomeia: “Eles são chamados de Maurice Hesses, os Borkheims⁴², os Liebknechts e tantos outros nomes mais ou menos desconhecidos”, são eles que proferiram contra ele “insinuações covardes e pérfidas, mentiras odiosas e estúpidas, calúnias sujas”.

42 No verão de 1869, Borkheim, um colaborador próximo de Marx, reproduziu a antiga calúnia no *Berlin Zukunft*, de que “Bakunin era um agente do governo russo”, e Liebknecht repetiu essa afirmação em várias ocasiões.

“Tal, meus caros amigos, é o bando cuja perseguição tive o infortúnio de incorrer. O que fiz para merecê-los? Garanto a vocês que ainda não sei. Mas suponho que minha nacionalidade russa desempenhou um grande papel. Eles não podem me perdoar por ser russo, um Kosak.”

Por mais repreensíveis que sejam as manifestações de antissemitismo de Bakunin, fica claro que ele próprio se sentiu vitimado pelo racismo de seus oponentes.

Bakunin poupa Marx

Bakunin pareceu poupar Marx, e ele explica isso em uma troca de cartas com Alexandre Herzen, que expressou seu “espanto que Bakunin tivesse como alvo homens tão pouco conhecidos como Hess e Borkheim, em vez de atacar diretamente Marx, seu líder”.⁴³

Bakunin estava perfeitamente ciente de que “Marx foi o instigador e líder de toda essa polêmica caluniosa e infame que foi desencadeada contra nós”. Ele o poupou antes de tudo por um senso de justiça: apesar de toda a “vileza” da qual ele foi culpado, não podemos ignorar “os imensos serviços que ele prestou à causa do socialismo, que ele serviu com inteligência, energia e sinceridade por quase vinte e cinco anos, nos quais ele sem dúvida nos superou a todos”. Este é um “enorme mérito” que Bakunin sempre reconhecerá, “não importa o que ele tenha feito contra nós”.

“Marx é inegavelmente um homem muito útil na Associação Internacional. Até hoje ele exerce uma influência sábia em seu partido, e apresenta o mais firme apoio ao socialismo, a barreira mais forte

43 James Guillaume, *Avant-propos à “Aux citoyens rédacteurs du Réveil”* Bakounine, Œuvres, Tome V, Stock, p. 232.

contra a invasão de ideias e tendências burguesas. E eu nunca me perdoaria se tivesse apenas tentou apagar ou até mesmo enfraquecer sua influência benéfica com o simples objetivo de se vingar dele.”⁴⁴

Essas observações, feitas em sua correspondência privada, não deixam dúvidas quanto à sinceridade do revolucionário russo.

A outra razão pela qual Bakunin poupou Marx foi tática.

Ele achava que um dia teria de se engajar em uma luta contra Marx, “não por ofensa pessoal, é claro, mas por uma questão de princípio, sobre o comunismo de Estado”, do qual os partidos alemão e inglês eram “os mais ardentes apoiadores”: “Mas há um tempo para tudo, e o tempo para essa luta ainda não chegou.”⁴⁵

Ele achava que poderia dividir o campo marxista atacando os pequenos, a “escória”. Se ele tivesse travado uma “guerra aberta contra o próprio Marx” desde o início, pensou, “três quartos dos membros da Internacional teriam se voltado contra mim e eu teria ficado em desvantagem”. Em suma, Bakunin esperava que Marx declarasse hostilidades e, nesse caso, disse ele, “eu teria a melhor parte”. Além de ser extremamente ingênuo, Bakunin comete dois erros aqui:

- Ele está entrando em um campo não familiar, o das táticas, e está assumindo o risco de que as coisas possam se voltar contra ele;
- Ele parecia não estar ciente de que, na realidade, era Marx quem estava isolado: Marx contava com uma federação alemã que, na realidade, não existia e com seções inglesas que estavam cada vez mais desinteressadas na Internacional.

44 Bakunin, Carta a Herzen, 28 Outubro de 1869.

45 *Ibid.*

Herzen não se deixou enganar: ele respondeu a Bakunin: “Não gosto de sua política. Não lhe convém brincar de Maquiavel com a sua Divisão (...) Você não quer atacar Marx simplesmente para não se colocar em desvantagem? Bem, então, deixe Hess e companhia em paz”.⁴⁶ A propósito, o artigo de Hess ‘não foi notado por ninguém e desapareceu sem deixar rastros’. Herzen termina com este conselho: “deixe seus judeus como estão, mas meu conselho é que pense nisso com cuidado”. Obviamente, Herzen não aprovava o fato de Bakunin falar sobre os judeus: em uma carta a Ogarev datada de 21 de outubro, ele escreveu sobre a carta ao *Le Réveil*: “Não gosto muito disso. Por que falar de raças, de judeus?”

Uma “conspiração judaica”?

Baker nos diz que a quarta forma de antissemitismo em Bakunin é a crença de que havia “uma conspiração especificamente judaica contra ele dentro da 1ª Internacional”. É costume condenar qualquer atitude baseada em uma “teoria da conspiração”, mas esqueci quem disse que isso não é motivo para pensar que conspirações não existam. É por isso que, antes de descartar a ideia de que uma “conspiração” foi travada contra Bakunin sob o único pretexto de que era supostamente uma “conspiração judaica”, acho necessário examinar a realidade dessa conspiração, qualquer que seja sua natureza.

Em primeiro lugar, parece judicioso mostrar que, no contexto de extremo antagonismo entre duas correntes dentro da Internacional e do estresse que esse antagonismo poderia provocar, um certo número de elementos reunidos poderiam ter convencido Bakunin de que havia, certa ou erradamente, uma “conspiração” dirigida contra ele. O fato indiscutível é que entre os oponentes de Bakunin que lançaram uma campanha de

46 Citado por James Guillaume, *Avant-propos*, Bakounine, *Oeuvres*, tome V, p. 236, éd. Stock.

calúnia contra ele estavam judeus: isso foi, sem dúvida, o suficiente para Bakunin concluir que havia uma conspiração “judaica” contra ele.

Se alguém define um complô como uma ação concertada entre várias pessoas para prejudicar ou desacreditar outra pessoa, não há dúvida de que houve um contra Bakunin, mas retrospectivamente, é perfeitamente irrelevante se foi um complô “judaico”. É claro que Marx, Hess e Borkheim não tinham diferenças políticas com Bakunin porque eram judeus, mas é igualmente claro que a falta de discernimento de Bakunin o levou a essa conclusão.

Por outro lado, ler a correspondência entre Marx, Hess, Borkheim e alguns outros, não necessariamente judeus, mostra que Marx era inegavelmente o maestro altamente autoritário de um grupo de homens que assumiu a responsabilidade de implementar uma estratégia de controle da AIT, e que estavam determinados a impedir qualquer um, Bakunin primeiro, de frustrar esse projeto a todo custo. Então Bakunin não estava totalmente errado quando falou de “uma legião muito bem disciplinada”, embora essa “legião” não tivesse nada a ver com uma “legião judaica”: na verdade, houve uma ação concertada contra Bakunin, mas esse grupo de homens estava longe de ser todo judeu.

Baker diz que “Bakunin enquadrou esses eventos como uma conspiração judaica contra ele porque ele era um antissemita”. Isso sugere que, como ele era primariamente antissemita, ele concluiu que havia uma conspiração judaica contra ele, embora um exame de todo o seu trabalho anterior a 1869 mostre que ele não era.

Poderíamos olhar as coisas de outro ângulo: “Bakunin se tornou um antissemita porque estava convencido de que havia uma conspiração judaica contra ele”. Isso não reduz de forma

alguma a natureza questionável das posições de Bakunin, mas provavelmente é uma representação melhor da realidade.

Um exame da correspondência entre Marx, Engels e aqueles próximos a eles não nos permite contestar que houve uma ação concertada dirigida contra Bakunin, como Marx mostra em uma carta a Engels datada de 27 de julho de 1869: “Este russo obviamente deseja se tornar o ditador do movimento operário europeu. Ele deve ter cuidado. Caso contrário, ele será oficialmente excomungado”, profetizou Marx em uma carta a Engels datada de 27 de julho de 1869.⁴⁷

Engels respondeu em 30 de julho:

“Está bem claro que o gordo Bakunin está por trás disso. Se este maldito russo realmente pensa em intrigar seu caminho para o topo do movimento operário, então chegou a hora de dar a ele de uma vez por todas o que ele merece e perguntar se um paneslavista pode ser membro de uma associação internacional de trabalhadores. O sujeito pode ser facilmente abordado. Ele não deve imaginar que pode interpretar um comunista cosmopolita para os trabalhadores e um paneslavista nacional ardente para os russos. Algumas dicas para Borkheim, que está lidando com ele agora, seria bastante apropriado; Borkheim sem dúvida entenderá uma dica ampla”.⁴⁸

Depois de quebrar o pescoço daqueles “idiotas proudhonistas”⁴⁹, era hora de excomungar os bakuninistas.

47 Marx a Engels, 27 July 1869, MECW, Lawrence & Wishart, vol. 43, p. 332-333.

48 Engels a Marx, 30 July 1869, MECW, Lawrence & Wishart, vol. 43, p. 335-336.

49 Marx a Engels, 11 September 1867. MECW, Lawrence & Wishart, vol. 42, p. 423.

Ao dizer que Borkheim “está lidando com ele agora”, Marx está sem dúvida se referindo a um rascunho de artigo que ele estava preparando contra Bakunin. Em 10 de fevereiro de 1869, Sigismund Borkheim pediu a Engels sua opinião sobre este artigo e sugeriu que ele o passasse para Marx. O artigo foi finalmente publicado anonimamente em quatro partes entre julho e novembro de 1869 no jornal democrático de Berlim *Die Zukunft* sob o título “Michael Bakunin”. O artigo terminava com uma diátribe anti-russa:

“Somente se alguém *não tivesse qualquer entendimento* dos assuntos eslavos e desconfiasse de qualquer movimento, alguém poderia rotular [Bakunin] como um espião russo a soldo do governo de Petersburgo. Ele não deve ser vigiado menos de perto por esse motivo [...]. O efeito em nossos assuntos é sempre igualmente prejudicial, e como todo russo são é um paneslavista, o refugiado mais velho Turgenieff assim como o jovem Bakunin [...], esses cavalheiros deveriam entender de uma vez por todas que eles são suspeitos para nós por esse motivo. Eles deveriam ser ainda mais cuidadosos em suas aparições públicas na Europa e não deveriam se intrometer em nossos negócios partidários, muito menos nos atrapalhar. Quem os refugiados russos representam? [...] Os russos sendo considerados aqui são paneslavistas que estão satisfeitos com o governo ou não. Os mais barulhentos dos mencionados acima têm que vagar pela fronteira de tempos em tempos por razões de estado. Assim, todos os refugiados russos são instintivamente inimigos de nossa cultura. Eles não podem evitar! Que o czar os salve! Amém!”⁵⁰

50 Citado por Wolfgang Eckhardt, *The First Socialist Schism*,

Bakunin estava ciente da primeira parte do artigo de Borkheim, que ele mencionou em seu rascunho “Aos editores cidadãos do *Réveil*”, e que ele comentou:

“Eu desejei, senhores, que um de vocês tivesse a paciência de ler estes três ou quatro artigos que foram publicados neste periódico sob o título 'Michael Bakunin'. Quanto a mim, confesso que nunca li nada tão confuso, tão odiosamente ridículo e estúpido, quanto esta última tirada do Sr. Borkheim, ao lado da qual o artigo do Sr. Maurice Hess me atacando poderia passar por um modelo de clareza e honestidade.”

Bakunin estava se referindo à mais recente calúnia contra ele: o relatório sobre o Congresso de Basileia por Hess, onde, entre outras coisas, ele acusou Bakunin de planejar mover o Conselho Geral para Genebra. Hess escreveu:

“Um partido russo ainda não existia nos congressos anteriores da Internacional. Foi somente no decorrer do ano anterior que uma tentativa de mudar a organização e os princípios da Internacional, e até mesmo mover a sede do Conselho Geral de Londres para Genebra, foi feita por Bakunin, um patriota russo cuja boa fé revolucionária não duvidamos, mas que acalenta projetos fantasiosos não menos a serem condenados do que os meios de ação que ele emprega para alcançá-los.”

Bakunin foi acusado, em particular, de ser um “eslavófilo”, o que para ele era o insulto supremo, pois durante a revolução de 1848-49 ele nunca deixou de convocar os eslavos da Europa

<https://usa.anarchistlibraries.net/library/wolfgang-eckhardt-the-first-socialistschism#fn176>

Central a lutar contra o império russo e a se aliar aos democratas alemães contra o despotismo, um ponto de vista ao qual Marx e Engels se opunham radicalmente porque uma aliança tática com os democratas eslavos teria desafiado a unidade nacional alemã e teria retirado da Alemanha o controle que ela exercia sobre os territórios eslavos, como a Boêmia.

A atividade de Bakunin em favor da democracia na Europa Central lhe deveu 8 anos de fortaleza na Rússia e 4 anos de rebaixamento na Sibéria, após os quais ele escapou. Poucos revolucionários da época pagaram tanto pela democracia na Alemanha, mas Bakunin não tem uma estátua erguida em sua homenagem. Marx e Engels estavam convencidos de que a dominação alemã dos territórios eslavos na Europa Central era um “progresso histórico”⁵¹.

Depois da Comuna

Marx e seus amigos aproveitaram a desorganização que se seguiu à guerra franco prussiana e ao esmagamento da Comuna de Paris para convocar uma reunião privada que decidiu, sem debate no congresso, transformar de forma obrigatória a Internacional em um partido político visando obter acesso ao poder. Esta era uma questão que havia sido debatida na organização, mas que não havia levado ao irreparável porque a autonomia das federações não havia sido posta em questão, ou seja, a faculdade de cada Federação definir seu próprio caminho para a emancipação – um ponto de vista reivindicado por Bakunin e seus amigos.

51 Assim como o domínio dos EUA sobre a Califórnia foi um “progresso histórico”: “E será que Bakunin acusará os americanos de uma 'guerra de conquista' que, embora tenha sido um duro golpe em sua teoria baseada na 'justiça e na humanidade', foi, no entanto, travada total e unicamente no interesse da civilização? Ou talvez seja lamentável que a esplêndida Califórnia tenha sido tirada dos preguiçosos mexicanos, que não podiam fazer nada com ela?” (Engels, *Pan-eslavismo democrático*).

A conferência de Londres em setembro de 1871 consistiu de vinte e três membros, treze dos quais – a maioria – eram membros do Conselho Geral e nomeados por ele, e não tinham mandato. Sete desses membros não eleitos sentaram-se como secretários correspondentes de vários países que não estavam representados na Conferência⁵². Mas o Conselho Geral havia nomeado seis outros de seus membros para representá-lo. Apenas nove pessoas foram delegadas por seções: seis delegados belgas [um dos quais também era membro do Conselho Geral], dois delegados suíços, um delegado espanhol. James Guillaume observa que havia um desconhecido sem mandato.

Bakunin comentou, ironicamente:

“É justo adicionar a esta lista as filhas de Karl Marx, que foram autorizadas a sentar-se na última reunião desta conferência secreta. A crônica não diz se a conferência lhes deu o direito de votar; poderia tê-lo feito sem derrogação porque essas jovens tinham tantos títulos para representar o proletariado internacional quanto o maior número de delegados.”⁵³

O Congresso de Haia que ocorreu no ano seguinte, em setembro de 1872, foi tão falso quanto a Conferência de Londres do ano anterior.

A Alemanha não possuía nenhuma seção da Internacional, mas apenas membros individuais em números extremamente pequenos e, portanto, não podia enviar delegados regulares

52 “Esses treze membros do Conselho Geral, que não tinham mandato, formaram sozinhos a maioria da Conferência, composta por vinte e três membros.” James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, éd. Champ libre. II, 3^e partie, p. 194.

53 *Mémoire présenté par la Fédération jurassienne*, 1^{re} partie, p. 204

para Haia. No entanto, para fortalecer a posição de Marx, nove alemães foram apresentados como delegados de seções inexistentes da AIT. Além disso, para votar no Congresso, as seções tinham que pagar suas contribuições, o que os alemães não fizeram. Bebel escreveu no Volkstaat de 16 de março de 1872 que os alemães nunca pagaram contribuições para Londres! Engels ficou indignado ao notar que ele podia contar apenas 208 cartões de membros alemães individuais:

“Devo pedir diretamente para nos dizer francamente como a Internacional está com você: aproximadamente quantos selos foram distribuídos para quantos lugares e quais lugares estão envolvidos? Os 208 contados por Fink certamente não são todos os que existem?”⁵⁴

Delegados franceses apareceram em Haia com mandatos que ninguém sabia de onde vieram e como os obtiveram. A verificação dos mandatos era impossível. Serrailler, Secretário do Conselho Geral para a França (onde a AIT era tão proibida quanto na Alemanha, mas onde, diferentemente da Alemanha, havia seções ativas) chegou a Haia com os bolsos cheios de mandatos. Seis delegados franceses eram conhecidos apenas por seus pseudônimos, sem indicação da cidade de onde detinham seu mandato. O único que anunciou uma cidade – Rouen, na Normandia – viu-se logo depois repudiado pela Federação de Rouen porque havia votado com o Conselho Geral quando tinha o mandato imperativo de votar nos federalistas.

A mesma coisa com Bordeaux. Os internacionalistas desta cidade perceberam mais tarde que seu delegado, que havia recebido o mandato imperativo para votar nos federalistas, votou no Conselho Geral. Dois outros delegados franceses,

54 Engels a W. Liebknecht, 22 May, 1872: Marx & Engels Collected Works Volume 44, p. 376.

Swarm e Walter – pseudônimos foram presos logo depois e foram a julgamento; um em Toulouse, o outro em Paris. Logo depois, pareceu que Swarm, agente do Conselho Geral em Toulouse, era um espião; em relação a Walter, agente do Conselho Geral em Paris, ele se arrependeu e jurou se tornar um oponente ferrenho da Internacional⁵⁵.

Imediatamente após o Congresso de Haia, o Conselho Federal Inglês percebeu que o delegado que o representava nem sequer era membro da Internacional!

Todas essas medidas burocráticas tinham apenas um objetivo: através da eliminação de Bakunin (e James Guillaume), eliminar a corrente federalista na Internacional que estava no caminho dos planos de Marx de transformar a Internacional em um partido político. Dizer, portanto, que havia uma “conspiração” contra Bakunin é um eufemismo, mas descrevê-la como uma “conspiração judaica” é claramente absurdo.

Conclusão: “A substância comum a toda a humanidade”

Baker cita corretamente Bakunin dizendo que “cada povo e a menor unidade popular tem seu próprio caráter, seu próprio modo específico de existência, sua própria maneira de falar, sentir, pensar e agir... Cada povo, como cada pessoa, é involuntariamente o que é e, portanto, tem o direito de ser ele mesmo.” Mas temo que um ponto muito importante tenha sido omitido na citação, extraído de *Estatismo e anarquia*: Cada povo tem o direito de ser ele mesmo, diz Bakunin, mas isso não significa que um povo, um indivíduo, tenha o direito ou o interesse de fazer de sua nacionalidade, sua individualidade, uma questão de princípio e que eles devem “arrastar essa bola e corrente por toda a vida”:

55 James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, vol I, t. 2 p. 326.

“Pelo contrário, quanto menos eles pensam em si mesmos, mais eles se tornam permeados *pela substância comum a toda a humanidade*, mais a nacionalidade de um e a individualidade do outro assumem proeminência e significado.”⁵⁶ [*ênfase minha*]

Este chamado para superar particularismos baseados em identidade expressa um universalismo que é, sem dúvida, mais representativo do pensamento real de Bakunin do que suas aberrações antisemitas.

* * * * *

Apêndice: Antologia do antisemitismo de Marx

O fato de Marx ter passado toda a sua vida vituperando os judeus em sua correspondência obviamente não exime Bakunin de sua própria responsabilidade. Entretanto, em vista do tradicional desequilíbrio entre o marxismo e o anarquismo nos círculos acadêmicos e militantes, achei útil destacar o furioso antisemitismo de Marx em sua correspondência, na qual ele menciona *sistematicamente* a qualidade judaica da pessoa de quem está falando, seguido de algum qualificador depreciativo. Minha intenção é essencialmente contrapor a indignação hipócrita de muitos marxistas sobre o antisemitismo de Bakunin.

Há um provérbio francês que diz que é preciso varrer em frente da própria porta.

- Carta a Engels, 31 de março de 1851: “o judeu Stibel”.

56 Bakunin, *Estatismo e anarquia*. French edition, ed. Champ libre, IV, p. 238.

- Carta a Engels, 21 de janeiro de 1853: “Aquele pequeno judeu de Bamberger ainda não me pagou um centavo...”. Idem, carta de 29 de junho de 1853: “...acertei com o pequeno judeu Bamberger o valor de £2...”.
- Carta a Engels, 25 de agosto de 1851: “Tausenau [...] é dotado do senso de trapaça que os pequenos judeus têm.”
- Carta a Adolphe Cluss, 25 de março de 1853: “O judeu Pulszky está ali.”
- Carta a Engels, 28 de setembro de 1852: “O judeu Fould está em contato permanente com os Orleans.”
- Carta a Engels, 16 de fevereiro de 1857: “O judeu Steintal...”
- Carta a Engels, 25 de maio de 1859: sobre Max Friedländer: “Esse maldito judeu de Viena também não escreve...”
- Carta a Engels, 9 de fevereiro de 1860: “Esse imundo correspondente berlinense do *Daily Telegraph* é um iídiche chamado Meier, parente do proprietário da empresa, um iídiche inglês chamado Lévy.”
- Carta a Engels, 12 de abril de 1860: “O factotum do judeu Reuter, que não é capaz de escrever em linguagem ortográfica...”
- Carta a Antoinette Philips, 24 de março de 1861: “Essa jovem senhora, que literalmente me surpreendeu com sua benevolência, é a criatura mais feia que já vi em minha vida, uma cabeça judia feia, um nariz fino e protuberante, um eterno sorriso ou zombaria nos lábios,...”
- Carta a Engels, 3 de junho de 1864: “...Oppenheim, aquele judeu Süß do Egito.”
- Carta a Engels, 19 de agosto de 1865: “Os suíços praticamente não têm mais uma ação no Banco da Suíça. São os judeus de Berlim e Frankfurt que tomam as decisões.”
- Carta a Engels, 10 de fevereiro de 1865: “Esse judeu Horn...”

- Carta a Engels, 14 de abril de 1870: “...o pequeno judeu Leo Frankel...”
- Carta a Engels, 15 de abril de 1870: “Frankelche* é o Yid cuspidor...” (*diminutivo pejorativo em alemão).
- Carta a Engels, 8 de julho de 1870: “o pequeno judeu Frankel...”
- Carta a Engels, 21 de agosto de 1875: “Um ídiche, de olhar astuto, com uma pequena mala na mão...”
- Carta a Engels, 25 de agosto de 1879: “Há muitos judeus e pulgas aqui”.

Etc.

O relacionamento de Marx com Lassalle

Em suas cartas a Engels, Marx o chama sistematicamente de Ephraim, Itzig (um diminutivo pejorativo de Isaac, o nome simbólico do judeu em alemão). De 1862 em diante, ele também o chama de Itzig (der Itzig).

- Carta a Engels, 25 de fevereiro de 1859: “O Yid Braun” (Yid = Jüdel em alemão) (Braun também significa marrom, em referência à pele muito marrom de Lassalle).
- Carta a Engels, 25 de maio de 1859: “Não esquecerei o truque que o pequeno judeu me pregou”.
- Carta a Engels, 30 de julho de 1862: “Esse negro-judeu de Lassalle...”. “Agora tenho certeza, como provam o formato de sua cabeça e seu cabelo, que ele é descendente de negros, daqueles que seguiram Moisés na fuga do Egito”. Ironicamente, o próprio Marx tinha pele escura e cabelo crespo. Em sua correspondência, Engels o chama de “Mohr”, o mouro. “Diz-se que Marx é descendente de judeus sefarditas que vieram para o norte da Europa após a reconquista da Espanha pelos cristãos em 1492.” (*Dicionário Negro*, Christiane Passevant, Larry Portis, edições Jacques Grancher).

- Ao mesmo tempo em que, em suas cartas a Engels, Marx demonstrava um desprezo soberano por Lassalle, ele era primorosamente cortês e se confundia em lisonjas e demonstrações de amizade nas cartas que enviava a Lassalle, pedindo-lhe que encontrasse trabalho, que encontrasse uma editora.
- Quando Lassalle publicou um livro sobre Heráclito, Marx escreveu a ele elogiando sua perspicácia etc. (carta de 31 de maio de 1858 a Lassalle), mas imediatamente escreveu a Engels (mesma data): “Você deve me absolver pelos elogios que tive de fazer a Heráclito, o Obscuro”.

Se Marx sistematicamente anexa o qualificador de judeu ao nome de certos indivíduos – sempre em um sentido pejorativo – ele nunca menciona esse qualificador quando as pessoas designadas têm um caráter positivo: assim, Moisés não é um judeu, ele é um “sacerdote egípcio” (carta a Engels, 10 de maio de 1861).

Bakunin era racista? Resposta a Zoe Baker.....	1
O ponto de vista de Zoe Baker é frustrante.....	4
.....	
Marx-Bakunin: Uma espécie de casal infernal.....	7
A eslavofobia de Marx e Engels.....	9
♦ Eslavofobia inicial: 1849-1849.....	10
♦ Eslavofobia posterior: o centro de gravidade da reação na Europa.....	18
O fator desencadeante.....	23
Marx é alvo.....	26
Desnacionalização dos eslavos.....	28
Os argumentos tendenciosos de Bakunin.....	30
Bakunin é “autocontraditório”?.....	33
Comentário “Aos companheiros...”.....	36
Contaminado por comentários antisemitas.....	38
Caracterizações.....	42
Bakunin poupa Marx.....	46
Uma “conspiração judaica”?.....	48
Depois da Comuna.....	53
Conclusão: “A substância comum a toda a humanidade”.....	56
Apêndice: Antologia do antisemitismo de Marx.....	57